

MINISTÉRIO

Uma Revista para Pastores e Obreiros

ADVENTISTA

MAI/JUN 82



NÚMERO 3



COMO CRESCEM AS IGREJAS

ÍNDICE

EDITORIAL 3

"Se Eu Encontrasse Aquele que Inventou o Trabalho...!"
Daniel Belvedere

O PASTOR 5

Vinte "Nãos" Para Jovens Pastores
Daniel F. Roth

Renovação

A ESPOSA DO PASTOR 6

Um Novo Caso de Amor
Sally Streib

OBRA PASTORAL 8

Por Que Tão Pouco Êxito?
A. D. English

Como Crescem as Igrejas
Roger L. Dudley

TEOLOGIA 16

A Doutrina das Origens
Warren H. Johns

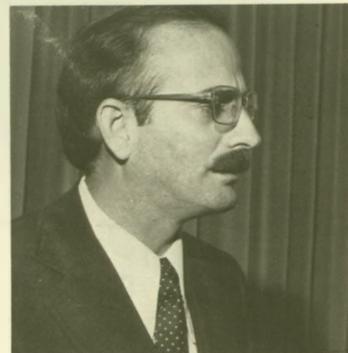
Ocupando-nos dos Grandes Feitos de Deus
Elbio Pereyra

ARTIGOS GERAIS 23

Miguel Ângelo: Teólogo Poético



6



22



23

O MINISTÉRIO ADVENTISTA



Ano 48 — Nº 3 — Maio-Junho de 1982

Gerente Geral:
Wilson Sarli

Redator-Chefe:
Rubens S. Lessa

Redator:
Naor G. Conrado

Diretor:
Arthur S. Valle
Colaborador Especial:
Daniel Belvedere

Colaboradores:
João Wolff

José C. Bessa
Aleides Campolongo
Pavel Moura

Direção de Arte:
Erlo G. Köhler
Rogério Sorvillo Vieira

Diagramação:
Paulo Sartori Gusmão

Assinatura Anual:
Cr\$ 450,00
US\$ 4,00

Esta revista acha-se registrada na DCDP do DPF sob nº 899 — P. 209/73

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista *O Ministério Adventista*, devem ser enviados para o seguinte endereço:
Caixa Postal, 07-1042
70000-Brasília-DF



Editado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira,

Av. Pereira Barreto, 42
09000 - Santo André,
São Paulo

5915

SE EU ENCON- TRASSE AQUELE QUE INVENTOU O TRA- BALHO...!

DANIEL BELVEDERE

Assim diziam alguns preguiçosos quando eu era adolescente. É claro que quem ler o relato da Criação, em Gênesis, sabe que foi Deus quem inventou o trabalho. E é bom que o tenha feito assim.

O que às vezes me parece surpreendente é encontrar pessoas trabalhadoras que duvidam de quem inventou o trabalho (refiro-me ao trabalho de evangelização). Sem dúvida perguntam a si mesmas com sinceridade: "É a evangelização uma estratégia que pragmaticamente intenta aumentar o número de membros da Igreja? Será porventura uma assimilação secularista de métodos expansivos e/ ou promocionais?" Infiro que você já tem a resposta. Por certo está na Bíblia. Mas talvez convenha recordá-la.

1. Deus, o Pai, é o Autor do Evangelismo

Vários versículos poderiam orientar-nos em tal sentido. S. João 3:16 nos fala do desejo e da ação salvadora do Pai; Gálatas 4:4 diz que no momento preestabelecido no cronograma divino, o Senhor Se encarnou; no entanto, o oferecimento de Seu sacrifício havia sido feito antes da criação do mundo.¹ Por essa razão, quando o plano de salvação tomou forma concreta na Criancinha de Belém, Deus fez evangelismo por meio dos anjos que proclamaram as boas-novas (S. Luc. 2:10-14).

Deus, o Pai, foi o Grande Enviador, não somente de Jesus Cristo, o Redentor, mas também dos missionários humanos que O pregam.

São Paulo, o qual estava muito bem orientado quanto ao evangelismo, sabia que "tudo provém de Deus que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo, e nos deu o ministério da reconciliação, a saber, que Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação."² Em outras palavras, Deus é o Autor da iniciativa da salvação; o que produz a reconciliação; quem elege os instrumentos difusores da boa-nova da salvação; quem envia Seus embaixadores em missão evangélica.

A integração de Deus, o Pai, na obra do evangelismo é, porém, mais profunda. Deus não somente tem ministros, mas faz a Seus ministros e, na medida em que se entregam a Suas mãos, capacita-os para cumprir a tarefa evangelizadora. São Paulo reconhecia: "Não que por nós mesmos sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós, pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus, o qual nos habilitou para sermos ministros..."³ Além disso, é Deus quem concede a graça por meio da qual os evangelizadores cumprem especificamente a tarefa.

Portanto, seria apropriado reconhecer a Deus, o Pai, como o Criador da evangelização.

2. O Filho é Co-Autor do Evangelismo

Assim como foi Co-Autor do Plano da Redenção, oferecendo Seu sacrifício voluntariamente,⁴ também o é da missão evangelizadora. "Assim como Tu Me enviaste

ao mundo, também Eu os envie ao mundo"⁵ e "assim como o Pai Me enviou, Eu também vos envio".⁶

Outro elemento que apresenta a Cristo como originador da missão evangelística é proporcionado pela grande comissão, que aparece no fim de cada um dos quatro Evangelhos e no começo de Atos dos Apóstolos.

Em vista destes elementos, poderia considerar-se acertado o enfoque cristológico do evangelismo proposto pelo apóstolo Paulo em I Coríntios 1:18 e 22-24.

Descobriu a Jesus Cristo como Co-Autor do evangelismo explica por que São Paulo, ministro de Deus, o Pai, também declara ser ministro de Jesus Cristo.⁷ Isto mesmo nos ajuda a entender por que Pedro e os demais apóstolos consideravam que atuar no nome de Jesus era credencial suficiente para autorizá-los a fazer evangelismo em diversas formas.⁸

3. O Espírito Santo é Co-Autor da Evangelização

O Espírito Santo poderia ser considerado o Artífice do evangelismo, visto que é o Motivador, o Guia e a Força motriz do mesmo. Basta ler o livro de Atos dos Apóstolos para deduzir que não somente participa ativamente da evangelização; mas na verdade, é seu Promotor, seu Organizador e quem realmente atua, tanto por meio dos evangelizadores como dentro dos recebedores do evangelho. Um singelo exemplo poderia ser o de Pedro e Cornélio. O Espírito Santo foi quem ordenou que Pedro fosse, contra sua lógica de judeu, evangelizar a um gentio.⁹ E foi também o Espírito Santo quem desceu, em meio da estupefação do grupo de crentes judeus que acompanhava a Pedro, sobre os gentios que eram evangelizados.

Para R. V. Kuiper isto estava bem claro: "Deus, o Espírito, é o Autor do evangelismo. Quando homens santos da antiguidade predisseram o nascimento, o ministério e a ressurreição do Salvador e se lhes comissionou que escrevessem suas profecias, ... eles foram movidos pelo Espírito Santo." E cita a referência de II S. Ped. 1:21.

É significativo o notável grau de identificação do Espírito Santo com todo o processo da evangelização. Ele viria para dar testemunho de Jesus;¹¹ para comunicar tudo que diz respeito ao evangelismo;¹² nos momentos

críticos, de perseguição, Ele lhes ensinaria que dizer,¹³ que testemunho oportuno dar,¹⁴ mesmo perante os dignitários no sistema religioso ou político.¹⁵ Sua obra também se verificaria nos evangelizados: "Convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo."¹⁶

Alguns talvez suponham que o Espírito Santo está a serviço da Igreja como servo; no entanto, como disse com acerto Hans Küng, "o Espírito de Deus, se bem que esteja domiciliado na Igreja, não está domesticado nela."¹⁷ O Espírito Santo capacita e serve o evangelista em sua obra, mas, ao mesmo tempo, o evangelista é obediente à ordem e direção do Espírito. A esse respeito, pode ser significativo o fato de que Jesus indicou a Seus discípulos que eles não deviam lançar-se a evangelizar sem o Espírito Santo.¹⁸ Pode-se deduzir, então, que não é possível evangelizar apropriadamente sem a presença do Espírito Santo.

Provavelmente o pensamento do parágrafo precedente explique por que a Bíblia menciona a pessoas-chave, em momentos cruciais da evangelização, cheias do Espírito Santo. Por exemplo: João Batista (S. Luc. 1:15), Isabel (S. Luc. 1:41), Zacarias (S. Luc. 1:67), Simeão (S. Luc. 2:25) e o próprio Jesus (S. Luc. 4:1).

Nosso Senhor recebeu o Espírito Santo justamente na hora em que devia começar Seu ministério público, no dia de Seu batismo (S. Mat. 3:13-17). São Pedro asseverou que Jesus recebeu a promessa do Espírito Santo e foi Ele quem O derramou sobre a Igreja (Atos 2:32 e 33). Em relação com o relato da grande comissão registrada por São João, *The Broadman Commentary of the Holy Bible* comenta: "Assim como Jesus começou Seu ministério recebendo o Espírito Santo (S. João 1:32 e 33), agora Ele soprou sobre eles e lhes disse: 'Recebei o Espírito Santo'.¹⁹

A esta altura cabem algumas reflexões: Se Deus, o Pai, é o Autor do evangelismo, seria adequado pensar que este deve ser teocêntrico; se o Filho é o Autor do evangelismo e quem confiou pessoalmente aos homens a proclamação, é lógico supô-la cristocêntrica; ao mesmo tempo, levando em conta a autoria do Espírito no tocante à obra da evangelização, é lógico considerar a necessidade de desenvolver um evangelismo neumocêntrico.

Em vista do que foi analisado até aqui, considerando que o

Deus trino é o Autor do Evangelismo, seria apropriado reconhecer esta tarefa e proclamar as boas-novas de salvação como sendo de procedência divina. Ademais, tudo isso nos sugere que seria definitivamente assunto de interesse por parte da Divindade. Em outras palavras, o evangelismo é uma atividade divina. Por isso Paulo decidiu evitar, na medida do possível, tornar o evangelismo humanístico. "Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem, ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e Este crucificado. E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana; e, sim, no poder de Deus." I Cor. 2:1-5.

Outra reflexão que nos vem à mente é a seguinte: Quando se prega corretamente, não há lugar para as glórias humanas (I Cor. 1:25-31). Além disso, porque esta tarefa provém de Deus, envolve mais que mera comunicação de idéias. É uma transmissão ou comunicação de "poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé". Rom. 1:16 e 17. ☩

Referências

1. Tito 1:2; I S. Ped. 1:19 e 20; Apoc. 13:8.
2. II Cor. 5:18 e 19.
3. II Cor. 3:5 e 6.
4. Filip. 2:5-10.
5. S. João 17:18.
6. S. João 20:21.
7. Rom. 15:16.
8. Atos 4:7 e 10-12.
9. Atos 11:12.
10. Atos 10:44 e 45.
11. S. João 15:26.
12. S. João 16:13 e 14.
13. S. Luc. 12:12.
14. S. Mat. 10:19 e 20.
15. S. Luc. 21:12-15.
16. S. João 16:8.
17. Hans Küng, *The Church* (Garden City, NY: Image Books, 1976), pág. 233.
18. Atos 1:4 e 5.
19. Clifton J. Allen, *The Broadman Bible Commentary* (Nashville: Broadman Press, 1969), págs. 367 e 368.

VINTE "NÃOS" PARA JOVENS PASTORES

DANIEL F. ROTH

Por trinta e cinco anos, Daniel F. Roth foi um pastor adventista do sétimo dia de língua alemã. Quando ele faleceu, seu filho, Don A. Roth, estava classificando as caixas de itens que tinham sido deixadas e encontrou alguns compêndios que seu pai havia usado quando frequentara o antigo Seminário Teológico Clinton. (Esta instituição funcionou em Clinton, Missouri, de 1910 a 1925, como ginásio e colégio. Atraindo alunos dentre os numerosos adventistas de língua alemã no Centro-Oeste dos Estados Unidos, seu objetivo era preparar pastores para o trabalho entre os imigrantes alemães.) A primeira folha de um livro continha o seguinte conselho, que D. F. Roth escrevera à mão, em inglês, e intitulara: "Vinte 'Nãos' Para Jovens Pregadores."

Achamos que constitui um excelente conselho, não somente para jovens pastores, mas também para os de qualquer idade, e tão apropriado hoje em dia como quando foi escrito décadas atrás.
— Os Editores da Revista *Ministry*.

1. Não viva além das possibilidades de sua renda.
2. Não seja uma pessoa mesquinha.
3. Não pregue suas dúvidas.
4. Não pregue tanto contra algo como em favor dos princípios.
5. Não seja tentado em ocasião alguma a não pregar da melhor maneira possível.
6. Não fique aguardando um campo mais amplo ou outro chamado.
7. Não seja pessimista.
8. Não lide com histórias inconvenientes.
9. Não perca a calma em público.
10. Não passe por alto a Bíblia ao procurar assuntos para a pregação.
11. Não tenha inveja de seus colegas de ministério.
12. Não ralhe nem entre em choque com personalidades.
13. Não seja artificial nem sensacional.
14. Não menospreze as pequenas coisas.
15. Não seja preguiçoso.
16. Não negligencie os doentes e os aflitos.
17. Não divulgue segredos.
18. Não deixe de cumprir seus compromissos.
19. Não permita que pessoa alguma dite sua mensagem.
20. Não se esqueça de orar.

UM NOVO CASO DE AMOR

SALLY STREIB

— Esposa de pastor, em Gunthrie, Oklahoma

Ela se deleitava no que é familiar e amado. Parecia ser-lhe impossível aceitar modificações. Mas, com o tempo, seu novo ambiente tornou-se familiar, e afeições modificadas proveram nova residência para seu coração.

Eu estava tranqüilamente sentada na areia, observando o pôr do Sol detrás dos penhascos situados mais além. Aves marinhas voavam afanosamente de um lado para o outro, na tentativa de extrair sua refeição do mar, procurando então passar a noite em cavidades e abrigos entre os gigantes de granito. Listas vermelhas e alaranjadas riscavam o céu que se ia escurecendo; serena calma estabeleceu-se por toda parte ao meu redor. Os ruídos do mar — intermináveis e continuados sons de ondas quebrando-se na praia — pareciam ser confortadores e amistosos. Acaso eu poderia ser mais feliz? Eu acreditava que não. Poderia haver um lugar mais belo do que esse? Não deste lado do céu!

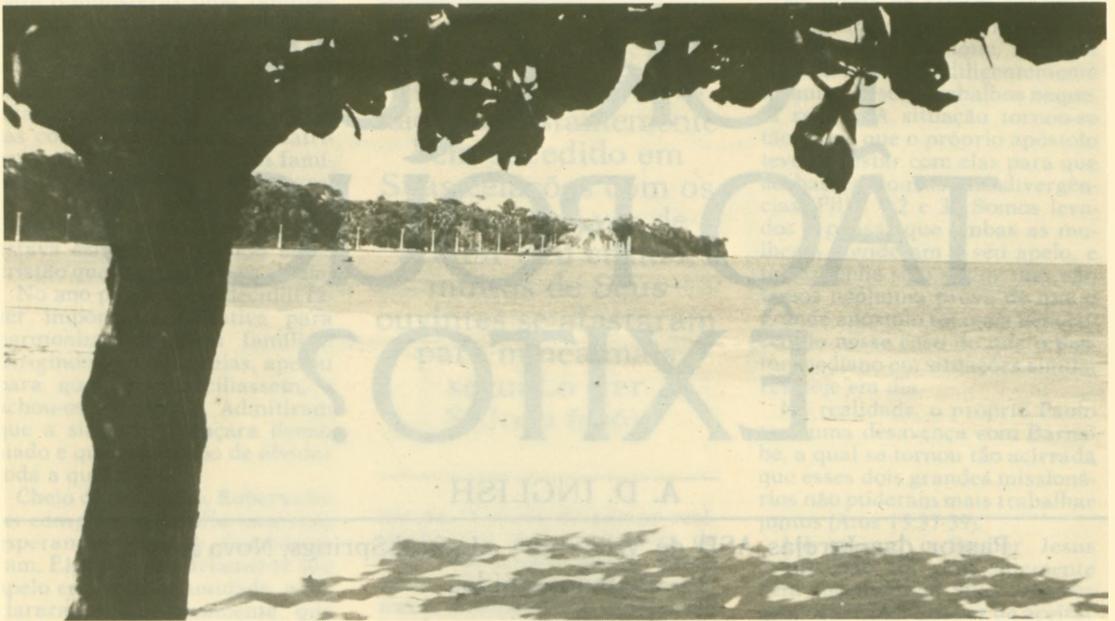
Pensei em muitas coisas nos derradeiros momentos de clareza. Poderia eu amar algum lugar mais do que este, ou mesmo tanto como ele? Eu duvidava. Este era meu lar. Ele me havia fascinado com sua beleza, excitado com sua extravagante variedade e nutrido com sua abundante despensa. Eu pertencia a este lugar. Eu crescera aqui; aqui se haviam formado minhas idéias da vida — minhas atitudes, minha curiosidade por aprender, meu senso de aventura e a necessidade de amar e ser amada. Aqui minha família e minhas amigas riam, gritavam, brincavam e trabalhavam. Suas montanhas, desertos, colinas e praias tinham contribuído generosamente para minha cada vez mais profunda

consciência de seu Criador.

Lembrei-me de todos os pontos especiais — a silenciosa enseada alcançada apenas por alguns e as mais das vezes mantida em isolamento, as primeiras flores silvestres do deserto primaveril, lagos das montanhas espalhados como seixos arremessados por uma criança, e prados repletos de música e surpresa. Ri ao recordar-me de gaivotas apanhando peixes das redes dos pescadores que trabalhavam junto ao oceano. Vi mentalmente os acres de flores cultivadas para produzir sementes e senti a quase irresistível beleza que sempre me deixava estupefata. E pensei nos quilômetros e quilômetros de pomares, chácaras e plantações circundados por grandes cadeias de montanhas cheias de maravilhosas coisas projetadas pelo Senhor. Lembrei-me do quanto eu amava as diversas culturas, raças e línguas dessa terra familiar e querida.

Durante os anos de minha vida eu havia amado, estudado e investigado o meu mundo. Admirara o céu cheio de estrelas, o mar cheio de maravilhas e as montanhas cheias de surpresas. Tinha dado e recebido algo em todos os tipos de relações humanas.

Agora eu estava de partida! Meus pertences terrenos se achavam acondicionados e lacrados em caixas. Meu marido acabara de marchar pelo corredor, em trajes acadêmicos, a fim de receber seu ambicionado diploma. Estávamos prestes a percorrer



um novo caminho. Afigurava-se que metade de meu coração palpitava prazerosamente diante das perspectivas da desconhecida aventura como recente esposa de pastor. A outra metade, pesada, dizia: "Como você poderá deixar este lugar e permanecer indene? Como poderá amar um outro lugar tanto como este? Você precisa amar; não pode apenas existir. Não foi formada dessa maneira."

Os dias foram passando — dias de mudança, de aprender novos nomes, de ver novos lugares e de transformar uma casa num lar; dias de experimentar e aprender novas coisas, de labutar e orar com pessoas. Os dias se converteram em meses, e os meses em anos. Três anos. Surgiu uma pequena e nova igreja, regada com nossas lágrimas, orações e esforços. Houve a sensação de ter alguns vislumbres do que Deus queria fazer e de como Ele podia usar pessoas imperfeitas para atrair outros a Si. Durante esses três anos, os desafios da "vida ministerial" não me decepcionaram. Eles eram notáveis! A vida estava repleta de inspiradoras reuniões de obreiros, reuniões gerais, retiros, reuniões evangelísticas e solução de problemas diários. Eu gostava de fazer parte de uma esplêndida família de obreiros. Que privilégio!

Contudo, bem no íntimo, todos os anseios pelos "velhos lugares e rostos" continuavam vivos e fortes, clamando às vezes por ser

atendidos. Eu aguardava as visitas à casa de meus pais, quando podia extasiar-me com o que era familiar e amado. Esses intervalos tornaram-se ilhas no mar dos dias que me cercava. Sempre me sentia feliz ao retornar ao meu lugar de serviço, mas era isso que ele continuava sendo — "um lugar de serviço para Deus", e não um lugar em que residia o coração.

Então, nalguma parte ao longo do caminho, Deus começou a impressionar-me o coração e a mente com novos pensamentos. "A razão de eu amar tanto a minha terra natal não era tudo aquilo que ela me proporcionara? Não era amada ali? Não era um lugar em que as pessoas me haviam ajudado a desenvolver-me e a aprender a enfrentar a vida com alegria? Acaso eu não estava apaixonada pelos lugares que me haviam causado prazer, tornando o riso uma parte de meu tempo? Por certo, era um caso de amor!"

Em seguida, Deus sugeriu pacientemente: "Você ficará surpresa de compreender quanto de si mesma investiu neste 'novo lugar'. E fique! Quando recebemos nosso primeiro chamado para mudar de uma para outra igreja da Associação, comecei a entender que Deus preparara uma nova espécie de caso de amor para mim. Com efeito, eu o estivera experimentando durante algum tempo sem entendê-lo plenamente. Vi que no decorrer

de todos os meses em que havia comungado, rido e orado com o povo de Deus, estivera investindo a mim mesma nessa nova vida, e agora os dividendos retornavam numa profusão de felicidade e contentamento. Houvera fracassos e vitórias; e sempre havia pessoas a serem amadas. Compreendi que inexprimível alegria era servir ao povo de Deus.

Recordei também como Deus enviara a Jesus, de um ambiente agradável e familiar, para este mundo inóspito, a fim de que pudesse tornar-Se um com nós, servir-nos, viver e morrer por nós. Ele aplicou tudo que tinha em Seu "lar longe do Lar". Tornou-Se parte de nós. Jesus literalmente Se deu para nós. Sua alegria era estar onde quer que pudesse produzir felicidade, cura ou crescimento espiritual a todos os que fossem sensíveis.

Como esposas de Seus pastores, Jesus nos chamou a uma experiência similar. Nós nos mudamos da terra natal e partimos dum nova aventura para outra. Na realidade, em pequena escala, participamos da própria experiência de Jesus. Talvez Ele nos separe de nossos tesouros para que, estando submissas e vazias diante dEle, possamos então ser abastecidas e preparadas para essa maravilhosa experiência. Pode ser que Ele nos conduza de uma vida que consiste em receber para uma outra que consiste em dar. Ele nos conduz a uma nova espécie de caso de amor! 

POR QUE TÃO POUCO ÊXITO?

A. D. INGLISH

Pastor das Igrejas ASD de Woodbury e Laurel Springs, Nova Jérсия,
Estados Unidos

Com a estante cheia de livros sobre como lidar com toda espécie de problemas difíceis, por que os pastores só encontram exemplos bem sucedidos nos livros, e não em seu próprio ministério?

O Pastor Roberto Smith acaba de desligar o receptor do telefone. Agora ele está afundado em sua cadeira, olhando inexpressivamente para os livros na parede do lado oposto de seu gabinete. Seus olhos estão enxutos, mas há lágrimas em seu coração. Pela primeira vez adveio-lhe o pensamento de que ingressar no ministério talvez tenha sido um erro.

Cinco anos atrás, recém-egresso do seminário, Roberto Smith iniciara seu ministério com um sentimento de expectativa, levemente mesclado de apreensão. Convicto de seu chamado ao ministério, ele estava certo de que, confiando em Deus e sendo guiado pelo Espírito Santo, dar-se-ia bem na obra do Senhor.

Agora, na metade do terceiro ano de seu segundo pastorado, essa sensação de confiança está sendo suplantada por uma mescla de frustração e desalento que ameaça transformar-se em depressão.

O problema não tem que ver com os aspectos públicos de seu ministério. Roberto sabe que não é um grande pregador, mas percebe que prega razoavelmente bem. Tampouco é presumido.

Procura esmerar-se em suas pregações, e há indícios de que está melhorando constante, se não espetacularmente.

Seus planos e programas não deparam com maior quantidade de apatia e inércia da parte dos membros do que é usual. Pelas conversas com outros pastores de sua denominação, ele sabe que seus programas encontram a mesma espécie de reação desfavorável, e aproximadamente na mesma medida.

É no âmbito particular de seu trabalho, ao labutar com indivíduos e famílias, que Roberto Smith acha que fracassou.

A recém-concluída conversa telefônica acentuou o problema, e o nó no estômago lhe diz que ele fracassou novamente. Telefonara para Joyce Powell, perguntando se ela lecionaria no departamento do jardim da infância, no próximo ano.

— Sinto muito, pastor, mas não posso. E lhe direi por quê. Guilherme condicionou suas coisas e partiu hoje cedo. Passamos a maior parte da noite gritando um com o outro. Telefonei para meu advogado, pedindo que ele providenciasse o divórcio.

Essas palavras constituíam severo golpe. Roberto vinha aconselhando o casal Powell há três meses. Na primeira sessão ele avaliara seus problemas matrimoniais como sérios, mas não fatais. O aconselhamento tinha sido penoso. Cada um dos cônjuges achava que era o outro quem

devia fazer as necessárias modificações de atitudes e conduta. Recentemente, porém, Roberto ficara um pouco otimista. O casamento dos Powells ainda estava longe de ser ideal, mas julgava ver uma melhora definitiva.

Agora tudo estava acabado; despedaçara-se o sonho da restauração de um lar cristão. As horas de aconselhamento, as pacientes ponderações, primeiro com um e depois com o outro cônjuge, e os períodos de oração — tudo dera em nada!

Para Roberto, este era o último de uma longa série de incidentes similares. Dos casais que ele aconselhara recentemente, um, além dos Powells, se divorciara, um se separara e um parecia estar restabelecendo um lar genuinamente cristão. Os outros ainda estão juntos, mas Roberto sabe que seus problemas estão pouco abaixo da superfície, prestes a explodir em separação ou divórcio a qualquer momento.

Desde o começo de seu ministério, Roberto tem dedicado boa porção de tempo e esforço à visitação de membros afastados e ausentes de sua igreja. Alguns retornaram uma ou duas vezes à igreja antes de desaparecer de novo; um agora frequenta a igreja regularmente, e outro o faz numa base muito irregular. Roberto não tem conhecimento de outros resultados de suas visitas e orações.

Dez anos atrás, antes mesmo de Roberto começar a estudar

para o ministério, duas famílias em sua atual igreja se desaviaram. Um pequeno incidente tomou grandes proporções, os sentimentos de ambos os lados se incitaram e foram proferidas certas coisas que deixaram cicatrizes permanentes. Ambas as famílias eram preeminentes na igreja, e Roberto notou imediatamente que a inimizade entre elas estava esfriando o cálido amor cristão que deve existir na igreja.

No ano passado ele decidiu fazer importante tentativa para harmonizar as duas famílias. Dirigindo-se a uma delas, apelou para que se reconciassem, e achou-os receptivos. Admitiram que a situação avançara demasiado e que era tempo de olvidar toda a questão.

Cheio de otimismo, Roberto foi ter com a outra família, mas suas esperanças logo se despedaçaram. Eles ouviram friamente seu apelo em favor da unidade, e declararam categoricamente que só um pedido de desculpas da outra família, na presença da congregação, poderia ocasionar a reconciliação. Quando o primeiro grupo soube dessa resposta, sua própria atitude se endureceu.

O resultado líquido do esforço de Roberto é que a ruptura entre essas famílias e seus defensores agora se tornou maior do que era antes.

Pois bem, com as palavras de Joyce Powell ecoando na mente, Roberto pergunta a si mesmo se estava equivocado ao pensar que tinha sido chamado para o ministério. Se o seu chamado era genuíno, por que ele parece ser tão incompetente? Por que há tantas derrotas e tão poucas vitórias?

Roberto Smith sofre de um distúrbio comum entre pastores — a síndrome de que "não devo ter lidado corretamente com a questão". Seu principal sintoma é a importuna sensação do pastor de que sempre que não consegue resolver um problema, de algum modo ele é pessoalmente responsável pelo fracasso — de que deve haver algum método que teria conduzido a cabal solução, e ele deixou de encontrá-lo.

O raciocínio do pastor comumente é mais ou menos o seguinte: "Sou um ministro do evangelho. Minha arma é a espada do Espírito, a Palavra de Deus (ver Efés. 6:17). Ela é uma arma perfeita; portanto, se não consegue produzir o resultado desejado, a culpa deve ser daquele que a usa; logo, o culpado sou eu."

Tal raciocínio constitui uma mistura do que é certo e do que é

Até mesmo o Senhor Jesus Cristo não foi constantemente bem sucedido em Suas relações com os outros. Em vez de aceitar Seu ensino, muitos de Seus ouvintes se afastaram para nunca mais segui-Lo (ver S. João 6:66).

errado. A arma do pastor realmente é a perfeita Palavra de Deus. Não se deve inferir, entretanto, que o pastor necessariamente é culpado se o uso que ele faz desta arma perfeita não conduz a uma solução perfeita. Certamente é possível, mesmo com as melhores intenções, usar a Palavra de Deus inabilmente, pois nenhum pastor é tão proficiente em seu uso como gostaria de ser. Isto não significa, porém, que recai sobre o pastor a responsabilidade por toda a falha quando ele usa a espada do Espírito. O uso de uma arma perfeita, por mais esmeradamente que seja utilizada, não garante resultados perfeitos!

Alguns exemplos estraidos da própria Escritura podem ajudar a ilustrar este ponto.

Nos primeiros tempos da Igreja Cristã, quando surgiu a questão da circuncisão dos conversos gentios, os dirigentes se reuniram num concílio em Jerusalém para resolver o problema. Paulo, Barnabé e Pedro se achavam ali (ver Atos 15:1-11). Quem pode duvidar de que a Palavra de Deus foi manejada com grande poder nesse concílio? E com notável efeito! Encerrou-se uma questão que virtualmente poderia haver detido a disseminação do evangelho entre os gentios — será que realmente foi assim? Algum tempo mais tarde, membros da igreja de Jerusalém chegaram a Antioquia e levantaram novamente a questão. Seus esforços demolidores foram tão bem sucedidos que o amado amigo de Paulo, Barnabé, e o próprio Pedro, que argumentara convincentemente ao lado de Paulo em Jerusalém, se deixaram iludir e desviar pela hipocrisia deles.

Na igreja de Filipos surgiram atritos entre duas mulheres cristãs: Evódia e Sintique, as quais haviam auxiliado diligentemente a Paulo em seus trabalhos naquela região. A situação tornou-se tão grave que o próprio apóstolo teve de instar com elas para que acabassem com as suas divergências (Filip. 4:2 e 3). Somos levados a pensar que ambas as mulheres atenderam a seu apelo, e talvez tenha sido assim; mas não temos nenhuma prova de que o grande apóstolo foi mais bem sucedido nesse caso do que o pastor mediano em situações similares hoje em dia.

Na realidade, o próprio Paulo teve uma desavença com Barnabé, a qual se tornou tão acirrada que esses dois grandes missionários não puderam mais trabalhar juntos (Atos 15:37-39).

Até mesmo o Senhor Jesus Cristo não foi constantemente bem sucedido em Suas relações com os outros. Em vez de aceitar Seu ensino, muitos de Seus ouvintes se afastaram para nunca mais segui-Lo (ver S. João 6:66). Um jovem abastado aproximou-se de Jesus querendo saber o caminho para a vida eterna. O Mestre respondeu a sua pergunta com habilidade divina, mas o jovem "retirou-se triste" (S. Mat. 19:22).

Se os apóstolos e o próprio Senhor não conseguiram encontrar uma solução para todos os problemas, por certo nenhum pastor pode com justiça exprobrar a si mesmo por nem sempre sair-se bem.

Uma das causas da perplexidade de Roberto Smith é a infinidade de livros que saem do prelo religioso hoje em dia, dizendo como devem ser dados conselhos pessoais e matrimoniais e manejadas difíceis situações de igreja. Ao alcance do braço de Roberto, onde ele está sentado, há uma estante cheia desses livros. Conquanto muitos deles proporcionem orientações úteis, alguns podem causar mais dano do que bem se o pastor não os usar com cuidado.

Seu principal defeito não é darem maus conselhos, e, sim, o fato de que muitos insinuam que os métodos recomendados por eles não somente são eficazes, mas resistem virtualmente a toda prova. Só há relatos de êxito; os fracassos nunca aparecem nos livros. O pastor freqüentemente tem a impressão de que se ele seguir os métodos delineados no livro, não poderá fracassar. Por isso, quando fracassa, sente-se

frustrado e decepcionado, achando que, de algum modo, errou ao lidar com a situação.

Para dizer a verdade, o que acontece comumente é que nem o pastor nem seu método falharam. O que falhou é a pecaminosa natureza humana. O pastor não lida com coisas, mas com pessoas — seres humanos criados à imagem de Deus, tendo porém uma natureza deformada e maculada pelo pecado. Segundo nos lembra o apóstolo Paulo, “o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar” (Rom. 8:7). Até entre cristãos sinceros amiúde resta o suficiente desse pendor carnal para tornar o trabalho do pastor extremamente difícil.

A Palavra de Deus é realmente “viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes” (Heb. 4:12), mas o coração humano pode opor-se a ela. A porta do coração só pode ser aberta do lado de dentro (Apoc. 3:20). Na maioria dos casos em que os esforços do pastor não conseguiram resolver uma situação desditosa, a verdadeira razão do fracasso é que o coração de alguém não se abriu do lado de dentro para permitir que o Espírito Santo entrasse e se apoderasse dele.

Isto, naturalmente, não desculpa o pastor que deixa de estudar os princípios de bem fundada psicologia e do devido uso da Escritura, e de aplicá-los aos problemas de seu trabalho. Cristo mesmo não disse que devemos ser “prudentes como as serpentes” (S. Mateus 10:16). Deve, porém, reanimar o pastor que às vezes quase fica desesperado ao ver seus melhores esforços falharem repetidamente, a despeito de muita oração e diligência.

As seguintes diretrizes podem ajudar o pastor desalentado ao procurar estabelecer a ordem cristã em meio ao caos que o pecado amiúde suscita até mesmo na Igreja cristã:

1. Acercai-vos de toda situação difícil com muita oração pelo derramamento do Espírito Santo. Cristo prometeu o Espírito Santo a todos os que O pedirem (S. Lucas 11:13). A vontade de Deus é que a harmonia e o amor predominem entre os membros (ver I S. João 4:7-11) e que os lares cristãos sejam preservados (ver S. Mar. 10:9). Portanto, podeis estar certos de que vosso objetivo e o do Espírito Santo são os mesmos.

A Palavra de Deus é realmente “viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes” (Heb. 4:12), mas o coração humano pode opor-se a ela. A porta do coração só pode ser aberta do lado de dentro (Apoc. 3:20).

2. Mantende uma atitude de amor cristão para com todas as partes envolvidas. Todos são filhos de Deus, mesmo que muitos deles não procedam assim.

3. Mantende vossa objetividade. Isto nem sempre é fácil. Às vezes, ao procurardes deslindar uma situação complicada, sereis levados a ter a forte sensação de que algumas das pessoas envolvidas estão “certas” e outras estão “erradas”. Lembrai-vos de que não estais do lado de quem quer que seja. Vosso desígnio não é culpar ou responsabilizar. Vosso propósito é restaurar a harmonia e o amor cristão.

4. Reconhecei que é impossível obrigar as pessoas a crer nos princípios da Escritura ou a conduzir-se de acordo com eles. O Espírito Santo não faz isso, e vós não o podeis fazer. Se, depois de envidar o máximo esforço com amor cristão, notardes que não podeis resolver um problema, aceitai o fato e não culpeis a vós mesmos. Não digais a vós mesmos que se houvésseis usado uma passagem bíblica diferente, ou explicado a situação com mais clareza ou apresentado o caso de maneira mais convincente, teríeis sido bem sucedidos. É muito improvável que isso seja verdade. “Não por força nem por poder, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.” Zac. 4:6. A Palavra de Deus tem sua própria força e poder. Se procurastes sinceramente usar a Palavra para realizar os propósitos de Deus, fizestes o que estava ao vosso alcance. A falha não é vossa; ela pertence àqueles que recusaram submeter-se ao controle do Espírito Santo.

5. Antes de procurar resolver algum problema, perguntai a vós

mesmos se realmente tendes essa responsabilidade. Um dos mais breves encontros da vida terrestre de Jesus é relatado em S. Luc. 12:13 e 14. Um homem solicitou a ajuda do Senhor para obter o que ele considerava seu legítimo quinhão de uma herança. A breve resposta de Jesus foi decisiva: “Homem, quem Me constituiu juiz ou partidor entre vós?” Sem entrar no acerto ou desacerto do caso, Jesus recusou-Se terminantemente a envolver-Se nele. Os pastores hoje em dia fariam bem em seguir-Lhe o exemplo. Não é incomum que membros de igreja solicitem a ajuda do pastor em questões que não são de sua alçada. Se isto acontecer com vossa pessoa, lembrai-vos da atitude de Cristo. Talvez queirais dar uma resposta mais suave, mas ela não deve ser menos decisiva que a de Jesus. O pastor que ao enfrentar um problema toma um momento para perguntar a si mesmo se essa questão realmente está dentro do âmbito de suas responsabilidades pastorais, amiúde pode livrar-se de desnecessária frustração (e talvez de muitas dificuldades dispensáveis).

6. Reconhecei que algumas situações, embora estejam dentro do âmbito das responsabilidades do pastor, não podem ser manejadas sem que se tornem piores. Não compreender isso foi o erro de Roberto Smith ao procurar reconciliar as duas famílias desavindas. Problemas antigos, especialmente se pastores precedentes não foram bem sucedidos ao lidar com eles, com frequência se enquadram nessa categoria. Lembrai-vos de que alguns de vossos problemas de igreja terão de ser solucionados pelo agente funerário.

Aprender a viver com problemas não solucionados ou solucionados de modo incompleto faz parte da vida de cada pessoa, e os pastores não constituem uma exceção. Com efeito, eles provavelmente consideram esse aprendizado uma parte mais importante de sua vida do que a maioria das pessoas. É uma parte decepcionante, mas inevitável. A clara compreensão deste fato e a avaliação realista do que se pode razoavelmente esperar realizar ao lidar com seres humanos que são livres agentes morais auxiliarão o pastor a evitar a depressão e a auto-acusação quando as derrotas, como acontece frequentemente, parecem ser mais numerosas do que as vitórias. 

COMO CRESCEM AS IGREJAS

Roger L. Dudley

De acordo com um levantamento de 295 igrejas adventistas do sétimo dia na América do Norte, as congregações que crescem tendem a ter certas características em comum. Quais são elas e quantas se acham presentes em vossa igreja?

Embora este estudo trate apenas de fatores que influem sobre o crescimento da Igreja entre as igrejas adventistas do sétimo dia na América do Norte, os leitores em outras partes do mundo e entre outras denominações certamente encontrarão paralelos e aplicações a suas próprias situações.

O Movimento de Crescimento da Igreja tem recebido críticas, entre outras coisas, por ter como principal prioridade a conquista de novos membros. Isto desvia a atenção, dizem os críticos, da antiga missão da Igreja de atender às necessidades de toda a comunidade e servir-lhe de consciência.

Admitimos de bom grado que meramente acrescentar números ao rol da Igreja, sem realmente integrar os novos convertidos na vida da congregação ou nutrir seu desenvolvimento espiritual, não somente é interesseiro mas contraproducente. E por certo podemos convir em que a Igreja tem responsabilidades para com a sociedade. No entanto, a derr-

deira ordem de Cristo a Seus seguidores foi o encargo de irem a todas as nações, batizando os que cressem e tornando-os discípulos (ver S. Mat. 28:18-20). A menos que uma igreja experimente crescimento na conversão, a menos que as pessoas estejam ouvindo o evangelho e abandonando o mundo para unir-se com o corpo de Cristo, essa igreja não está cumprindo sua missão.

Na década passada, algumas das principais denominações protestantes sofreram um declínio no número de membros. Outras cresceram rapidamente. Em determinada denominação, algumas igrejas individuais estão crescendo rapidamente, as passo que outras estão crescendo devagar, não estão crescendo ou até estão declinando. Os Adventistas do Sétimo Dia têm desfrutado razoavelmente bom crescimento em comparação com muitas denominações. No entanto, as igrejas ASD individuais manifestam as mesmas e amplas variações nos índices de crescimento que outras religiões. Por quê?

A Divisão Norte-Americana dos Adventistas do Sétimo Dia encarregou o Instituto de Ministério da Igreja, na Universidade Andrews, de realizar uma pesquisa do crescimento em igrejas adventistas nos Estados Unidos e no Canadá. Seu propósito: identificar os fatores institucionais locais que estão relacionados com o rápido crescimento da Igreja, bem como os que se relacionam com o crescimento mínimo ou com o declínio. Essa informação

pode habilitar os pastores e outras pessoas a realçar os fatores mais produtivos, e também provê uma base para desenvolver materiais de cursos de estudo e preparo.

Métodos

Usando métodos de seleção casual, foram escolhidas 295 igrejas adventistas em todas as partes da Divisão Norte-Americana. O número total foi subdividido em igrejas de pessoas de raça branca e língua inglesa; de pessoas de cor; e hispânicas. O pastor de cada igreja escolhida foi convidado a preencher um questionário pessoal e a fazer também com que todo membro de sua congregação que estivesse presente em determinado culto de sábado preenchesse questionários similares.

Os questionários foram elaborados especialmente para avaliar atitudes, modos e fatores que pudessem estar relacionados com o crescimento da igreja. Os pontos examinados foram escolhidos após o estudo de literatura referente ao assunto, análises de questionários de presidentes de União e de Associações locais, e entrevistas com pastores "bem sucedidos". O questionário do pastor continha sessenta e oito pontos, e o dos membros quarenta e três. Determinou-se a média de todos os resultados de cada ponto na igreja pesquisada, a fim de prover uma série de respostas que representassem essa igreja como unidade.

Os questionários foram distribuídos no fim da primavera e no verão de 1980. Pastores de 250 igrejas devolveram-nos, o que equivale a 85%. Um total de 194 igrejas devolveu 8.336 questionários preenchidos pelos membros, o que equivale a 66%.

Para avaliar o crescimento da igreja usaram-se registos que abrangiam os dezoito meses decorridos entre 1º de janeiro de 1979 e 30 de junho de 1980. Empregaram-se duas medidas diferentes de crescimento (ou declínio). Obteve-se um índice de crescimento *real* subtraindo o número de membros em 1º de janeiro de 1979 do número de membros em 30 de junho de 1980, e dividindo o resultado pelo número de membros no início. Esse número foi expresso como percentagem para uma ordem decimal. Nos casos em que o resultado representava um declínio, usou-se o sinal negativo. O índice médio de crescimento real para o ano e meio foi de 6,1% ou cerca de 4,1% ao ano.

Além disso, usou-se uma medida que desprezava o crescimento ou a perda pela transferência de membros regulares duma igreja para outra. Isto revelaria como ia uma igreja sob o aspecto de acréscimos por conversão e de perdas por apostasia. Foi designado como crescimento *do reino* e era calculado subtraindo o número de membros eliminados por apostasia e como desaparecidos do número adicionado por batismo e profissão de fé durante o período sob consideração. O resultado era dividido pelo número de membros no início e expresso como percentagem de uma ordem decimal. O índice médio de crescimento do reino para os dezoito meses foi de 7,8% ou cerca de 5,2% ao ano.

Cada item do questionário do pastor foi correlacionado tanto com o índice do crescimento real como com o índice do crescimento do reino para a igreja que estava sendo examinada. Usou-se um programa de regressão múltipla que não somente revelava correlações diretas, mas também calculava uma equação vaticinadora na qual se escolhia uma série de itens que, considerados em conjunto, provêem a melhor explicação para a variação nos índices de crescimento. O programa também determinava a ordem de eficácia de cada item escolhido na equação. O programa foi seguido em relação com a amostra total e também, separadamente,

em relação com as igrejas de pessoas brancas, de cor e hispânicas. Repetiu-se todo o processo no tocante ao questionário dos membros.

Descobertas do Questionário do Pastor

Quando os 68 itens do questionário do pastor são comparados tanto com o crescimento real como com o crescimento do reino, começa a surgir um padrão. Certas respostas estavam definitivamente relacionadas com uma ou outra ou com ambas essas medidas de crescimento. Quando é considerado o quadro total, os seguintes itens, mais ou menos na ordem de importância, parecem ser os melhores vaticinadores gerais de uma igreja que cresce:

1. *Realce ao crescimento da igreja.* Perguntou-se aos pastores: "Até que ponto todo aspecto da atividade da igreja se concentra no crescimento da igreja?" Aqueles cujas respostas denotavam completo enfoque neste setor eram pastores de igrejas em crescimento.

Peter Wagner menciona como um de sete indícios vitais comuns a igrejas sadias e que crescem, na América, o fato de que elas têm nítidas prioridades. Diz ele também: "A indispensável condição para uma igreja em crescimento é que ela queira crescer e esteja disposta a pagar o preço do crescimento." O presente estudo confirmou isto em relação às igrejas adventistas do sétimo dia. Nas igrejas que crescem o programa não admite nada cujo objetivo não seja a conquista de almas; toda atividade individual é talhada para isso.

Cumpra acrescentar, porém, que o crescimento da igreja não consiste meramente em batizar pessoas. Também abrange o incorporá-las na qualidade de membros de igreja responsáveis e adestrá-las para serviço adicional. Tem que ver tanto com a qualidade como com a quantidade.

2. *Porcentagem de membros que assistem regularmente à reunião de oração.* A frequência regular ao culto de oração variava de 1% a 98%, com a média de cerca de 25%. As igrejas com maior frequência ao culto de oração estavam crescendo na vida espiritual bem como em número; seu índice de apostasias em relação aos batismos era pequeno.

3. *Porcentagem de membros que se reúnem em pequenos grupos de comunhão ou estudo.* As

pessoas são atraídas para uma igreja em que há cordialidade e solicitude pessoal, e onde não somente possam celebrar o culto, mas sentir que fazem parte de uma família. Quer já sejam membros de igreja ou ainda pretendam sê-lo, as pessoas tendem a ir para um grupo em que sejam atendidas suas necessidades pessoais.

4. *Crença no crescimento potencial.* Pediu-se que os pastores avaliassem o crescimento potencial de suas igrejas locais numa escala que ia de "nenhum potencial" a "potencial ilimitado". Os que indicaram elevado potencial pastoreavam igrejas que experimentavam rápido crescimento. Embora se admita que os pastores conheciam as possibilidades de suas igrejas, é mais provável que o resultado retrata o princípio espiritual: "Seja-vos feito segundo a vossa fé." Em termos mais simples, só podemos realizar algo quando cremos que podemos efetuar-lo. Esta variante está relacionada com a idéia do "pensamento da possibilidade", tão bem enunciada por Roberto Schuller.

5. *Eficácia das reuniões públicas nos batismos.* Pediu-se que os pastores avaliassem quão eficazes tinham sido em suas igrejas as reuniões evangelísticas como método para obter batismos. A eficácia desse método estava correlacionada com ambos os índices de crescimento de igreja. Evidentemente, a época do evangelismo público não passou. As igrejas que crescem acham que o método é eficaz.

6. *Habilidade em decisões pessoais.* Os pastores foram convidados a avaliar sua habilidade em obter decisões para Cristo por meio da visitação pessoal. As classificações elevadas estavam correlacionadas com o crescimento real. A igreja que cresce tem um pastor que se sente à vontade ao falar com as pessoas, num nível pessoal, sobre coisas espirituais, conduzindo-as à entrega a Jesus Cristo.

7. *Tempo gasto em administração.* Solicitou-se que os pastores indicassem a percentagem média de seu tempo gasto em administração de igreja. A correlação com os índices de crescimento real e do reino foi *negativa*. Isto indica que as igrejas que crescem têm pastores que despendem uma parte proporcionalmente menor de seu tempo em deveres administrativos. Os pastores precisam desvencilhar-se do maquinismo de dirigir a igre-

ja para dedicar-se à direta conquista de almas e para adestrar os membros no desempenho de seus dons espirituais.

8. *A classe bíblica do pastor.* Visto como se evidenciou que os batismos se correlacionam significativamente com a classe bíblica do pastor realizada durante a Escola Sabatina, convém dar mais ênfase a esta atividade. A pesquisa revela que, aos sábados, apenas uma igreja dentre vinte está realizando uma classe bíblica do pastor.

9. *Número de séries evangelísticas realizadas.* Perguntou-se aos pastores quantas séries evangelísticas foram realizadas nos territórios de suas igrejas durante o ano anterior. As respostas estavam significativamente relacionadas com o crescimento do reino. Este vaticinador está intimamente relacionado com o item nº 5.

O Quadro das Igrejas de Pessoas Brancas

Cada um dos nove vaticinadores de crescimento de igreja citados acima, para o quadro total, também foi influente no caso das igrejas de pessoas brancas, e mais ou menos na mesma ordem. O realce ao crescimento da igreja foi o fator mais importante tanto para o crescimento real como para o reino. A reunião de oração, pequenos grupos de comunhão, a crença no crescimento potencial, reuniões de evangelismo público e a habilidade em decisões pessoais — todos se mostraram importantes. Além disso, porém, três outros vaticinadores se distinguiram nas igrejas de pessoas brancas:

1. *Alvo de crescimento de igreja:* Os pastores foram convidados a relatar seu alvo de crescimento de igreja para o ano, sob o aspecto de uma porcentagem de seu atual número de membros. As respostas variaram de nenhum alvo (25 igrejas) a uma igreja que estabeleceu um alvo de crescimento de 100% de seu número de membros! Os alvos mais altos estavam correlacionados com o crescimento de igreja numa das mais fortes relações desvendadas no estudo.

2. *Nível educacional da congregação.* De acordo com a pesquisa, quanto mais educada for a congregação de pessoas brancas, tanto mais provável é que ela experimente tanto crescimento real como crescimento do reino.

3. *Tempo destinado ao ministé-*

tério para os membros. Perguntou-se aos pastores que porcentagem de seu tempo eles gostariam de despende no ministério para os membros. Os pastores que almejavam poder dedicar menor porcentagem de tempo ao ministério interno tinham maior probabilidade de estar em igrejas que crescem. Isto provavelmente significa que eles estão mais voltados para sua missão perante o mundo do que para um estilo pastoral.

O Quadro das Igrejas de Pessoas de Cor

Evidenciou-se que os indicadores do crescimento real e do reino na amostra das igrejas de cor eram bem diferentes do que os do quadro total e da amostra das igrejas de pessoas brancas. Eilos:

1. *Porcentagem de membros em classes de testemunho.* Perguntou-se aos pastores que porcentagem de seus membros estava matriculada ou se formara em classes de testemunho ou de dar estudos bíblicos. A porcentagem elevada estava significativamente relacionada tanto com o crescimento real como com o crescimento do reino.

2. *Estilo de liderança.* Pediu-se que os pastores o avaliassem de acordo com uma escala que ia desde "Eu tomo a maioria das decisões" até "Os membros dirigem a igreja". O estilo mais democrático demonstrou ser mais

A amostra hispânica também partilhou dois indicadores de crescimento de igreja com a amostra das igrejas de pessoas de cor: a correlação negativa com a acessibilidade da igreja e a porcentagem de membros de igreja matriculados ou formados em classes de testemunho ou de dar estudos bíblicos.

Mas a amostra hispânica tinha também três outros fortes indicadores não encontrados nos outros grupos:

1. *Porcentagem envolvida em penetração pessoal.* Solicitou-se que os pastores dessem a porcentagem de suas congregações que estavam diligentemente empenhadas nalguma forma de penetração pessoal para alcançar aqueles que ainda não eram membros. O índice elevado estava relacionado tanto com o crescimento real como com o crescimento do reino.

2. *A eficácia dos estudos bíblicos dados pelo pastor para conseguir batismos.* Esta variante tam-

bém estava correlacionada tanto com o crescimento real como com o crescimento do reino.

3. *Tempo preferido, no ministério, para os que não são membros.* Pediu-se que os pastores mencionassem qual a proporção de seu tempo que gostariam de favorável tanto ao crescimento real como ao crescimento do reino.

2. *Acessibilidade da igreja a conversos em perspectiva.* Esta surpreendente descoberta mostrou correlações negativas tanto com o crescimento real como com o crescimento do reino; quanto mais inacessível é a igreja, tanto mais ela cresce! É mister dedicar mais estudo e reflexão à válida interpretação deste fator.

4. *Estudo da comunidade local.* "Quanto esforço vossa igreja investiu no estudo de vossa comunidade local e de sua constituição e necessidades?" Muito estudo estava positivamente correlacionado com o crescimento real.

5. *A eficácia dos ministérios públicos nos batismos.* Avaliar os ministérios de saúde como meio eficaz para conseguir batismos esteve relacionado tanto com o crescimento real como com o crescimento do reino.

6. *Ministério em favor de todas as idades.* Perguntou-se aos pastores quão completamente suas igrejas conduziam um ministério em prol de todos os grupos etários. As que tinham programas para todos os grupos etários eram igrejas que experimentavam crescimento. Embora se afigure que este fator constitua uma obra interna, cumpre lembrar que as pessoas se unirão a uma igreja em que são atendidas as necessidades sentidas por elas.

O Quadro das Igrejas Hispânicas

A amostra das igrejas hispânicas demonstrou ser semelhante às outras nalguns aspectos, e diferente em outros. Cinco dos indicadores de crescimento de igreja encontrados no quadro total e na amostra das igrejas de pessoas brancas também se encontram na amostra hispânica: realce ao crescimento de igreja, crença no crescimento potencial, porcentagem de membros que assistem ao culto de oração, número de séries evangelísticas realizadas no território da igreja e a eficácia da classe bíblica do pastor para conseguir batismos.

gastar pessoalmente, trabalhados pelos que não são membros. A proporção elevada correlacionava-se tanto com o crescimento real como com o crescimento do reino.

Descobertas do Questionário de Membros

Os seguintes indicadores parecem ser os melhores vaticinadores globais de uma igreja que cresce, segundo foi indicado pelos resultados do questionário dos membros. Sob o aspecto do quadro total, eles são mencionados mais ou menos na ordem de sua importância.

1. *Igreja que conquista almas.* É fácil escolher isto como o fator número um, pois teve a mais alta correlação tanto com o crescimento real como com o crescimento do reino. Isto também se verificou nas amostras de igrejas de pessoas brancas e hispânicas.

Solicitou-se que os membros avaliassem suas igrejas de acordo com uma escala de 1 a 5 como igrejas ganhadoras de almas. As de índices mais elevados tendiam a ser igrejas em crescimento. Aqui opera certa disposição mental semelhante à "crença no crescimento potencial" que se encontrava no questionário pastoral como bom vaticinador do crescimento de igreja. Assim como o pastor, os membros também necessitam do "pensamento da possibilidade". Há nisto uma espécie de espírito de equipe — "Deus está operando por nosso intermédio! Estamos em parceria com Ele! Nossa igreja encara com seriedade o cumprimento da comissão divina." Quando os membros sentem que sua igreja existe com a finalidade de conduzir pessoas a Cristo, as coisas começam a acontecer.

2. *Anos como adventistas batizados.* As igrejas em que a maioria dos membros têm estado na igreja há vinte ou mais anos, não estão crescendo. Nas igrejas que crescem uma grande proporção de seus membros se compõe de conversos recentes. Isto é lógico. Os novos conversos são os melhores ganhadores de almas em potencial porque ainda têm muitos contatos com os que não são membros de igreja no ambiente de que vieram. Adventistas que têm sido membros por muitos anos encontram a maioria de seus amigos íntimos e de seu ambiente social entre os próprios membros. Eles simplesmente não têm as portas abertas dos

recém-batizados. E, amiúde, os novos conversos, em seu primeiro amor, são mais diligentes em contar a seus amigos o que o Senhor tem feito por eles.

3. *Quantidade da renda familiar.* Este fator é difícil de ser explicado sob o aspecto do crescimento de igreja, mas demonstrou boa correlação. As congregações com rendas médias mais elevadas tendem a crescer mais rapidamente. Talvez seja porque há mais dinheiro disponível para ser investido em programas de conquista de almas. A congregação mais opulenta talvez goze também de mais prestígio na comunidade circundante e possua melhores instalações. Isto ilustra o princípio sociológico de que é mais provável que as pessoas queiram filiar-se a um grupo que encaram com admiração e respeito.

4. *Segurança em Deus.* Onde os membros se acham mais certos de estar na devida relação com Deus, a igreja tende a crescer. As pessoas não podem partilhar o que não possuem. A tentativa de proclamar as verdades da mensagem da igreja que não é reforçada por vidas transformadas que experimentam alegria e satisfação talvez consista apenas de palavras vazias. Quando os membros de igreja sabem que são perdoados, justificados e cheios do Espírito, estarão em condições de ir para casa e anunciar quão grandes coisas o Senhor fez por eles (S. Mar. 5:19), e os ouvintes mostrar-se-ão sensíveis.

5. *Cargos na igreja ou posições de serviço.* Quanto maior a proporção da congregação que é incentivada a trabalhar na igreja, tanto maior a probabilidade de que haja crescimento. Os pastores sozinhos não podem cumprir a missão. Quando os membros se envolvem diligentemente na vida da igreja eles sentem um compromisso para com ela e a responsabilidade de ajudar a alcançar seus alvos. É preciso encontrar meios de transformar membros passivos em membros ativos. Esta variante foi uma seleção ainda mais vigorosa na amostra das igrejas de pessoas brancas.

O Quadro das Igrejas de Pessoas Brancas

Dos cinco vaticinadores de crescimento de igreja mencionados acima, todos, exceto a "segurança em Deus", foram fortes se-

leções na amostra das igrejas de pessoas brancas. Além disso, essas igrejas tinham três outros indicadores importantes:

1. *O pastor dá ênfase à conquista de almas.* Pediu-se que os membros avaliassem a ênfase que seu pastor dá à conquista de almas, de acordo com uma escala de 1 a 5. O crescimento é mais provável nas congregações em que o pastor alcança um índice mais elevado. O pastor é decididamente o líder do crescimento da igreja. Embora ele não possa fazer tudo por si mesmo, seus membros seguem o exemplo dado por ele. Se o pastor põe constantemente a conquista de almas e o crescimento da igreja em categorias de suma prioridade, os membros farão a mesma coisa. Se ele os relega a uma posição secundária, a congregação atenuará seus esforços.

2. *Novos membros envolvidos na igreja.* Solicitou-se que os respondentes avaliassem a atitude da igreja para com os novos membros de acordo com uma escala que ia de "desprezados" até "envolvidos". As igrejas que crescem envolvem seus novos conversos. As pessoas são mais propensas a se unir a uma igreja em que se sentem necessárias. Membros envolvidos não se desanimam nem se afastam tão facilmente.

3. *Anos de freqüência a escolas adventistas.* As igrejas que crescem têm uma média mais elevada de tempo despendido pelos membros com a educação cristã. A escola adventista provê um meio para crescimento biológico. Também fornece um poder estabilizador, controlando a apostasia e facilitando assim o crescimento da igreja.

O Quadro das Igrejas de Pessoas de Cor

A amostra das igrejas de pessoas de cor foi semelhante à amostra total em selecionar uma "igreja que conquista almas" e quanto aos "anos como adventistas batizados". Além disso houve duas seleções singulares:

1. *Assistência ao programa de preparo para dar testemunho, durante o ano anterior.* Nas igrejas de pessoas de cor isto revelou a mais forte relação com o crescimento real. O devido preparo dos membros é necessário e pode produzir uma diferença.

2. *Certeza no tocante aos dons espirituais.* Nas igrejas de pessoas de cor em que grande pro-

porção dos membros estão convictos de haver identificado seus dons espirituais, é provável que esteja havendo tanto crescimento real como crescimento do reino. O Movimento de Crescimento da Igreja tem estado muito preocupado com a identificação dos dons espirituais. Para que as igrejas cresçam, os membros não somente precisam envolver-se, mas também realizar as tarefas para as quais foram mais bem habilitados por Deus.

O Quadro das Igrejas Hispânicas

A amostra das igrejas hispânicas revelou algumas das mesmas correlações existentes no quadro total. Duas outras variantes foram seleções singulares para este grupo:

1. *Trabalhar para ganhar parentes não adventistas.* As igrejas em que grande proporção de seus membros declarou estar trabalhando diligentemente para ganhar seus parentes não adventistas são igrejas que experimentam crescimento do reino.

2. *Grupo etário.* Quanto mais baixa for a média das idades dos membros batizados, tanto maior será a probabilidade de que a igreja cresça.

Conclusões

A análise das descobertas apresentadas sugere várias conclusões:

1. A Divisão Norte-Americana se compõe em grande parte de igrejas pequenas. É mister planejar programas e estratégias que não dependam de grandes congregações, amplas instalações ou equipamento sofisticado. Precisam ser suscetíveis de ser dirigidos por pastores de distritos com diversas igrejas.

2. Não há vantagem de tamanho no que diz respeito ao crescimento de igreja. Igrejas pequenas, médias ou grandes, todas podem crescer na mesma proporção se as outras condições forem iguais. Pastores e membros de pequenas igrejas não precisam ficar desalentados pensando que não dispõem de uma base suficiente para o trabalho. Pastores e membros de igrejas grandes não precisam ter a impressão de que a tarefa de conseguir uma boa porcentagem de aumento é demasiado gigantesca. Qualquer igreja pode crescer se os seus dirigentes e membros realmente querem que ela cresça.

3. Há algumas diferenças nas condições que facilitam o crescimento entre a Igreja total na América do Norte e seus componentes étnicos. As igrejas de pessoas brancas tendem a ter indicadores de crescimento muito semelhantes ao quadro geral. As igrejas de pessoas de cor, embora partilhem de alguns vaticinadores comuns, tendem a crescer sob condições bem diferentes da Igreja total, em muitos aspectos. As igrejas hispânicas tendem a ter alguns indicadores em comum com os outros grupos, e outros que são essencialmente seus.

4. O crescimento de igreja constitui o resultado de esforço e planejamento concentrados. Não há descoberta mais evidente na pesquisa do que a que revela que o crescimento não acontece por acaso. A igreja que cresce estabelece um alvo de índice de crescimento anual. Tudo que ocorre nessa igreja concentra-se em alcançar esse alvo. Todos os outros programas e ministérios são avaliados pela medida em que contribuam para que seja atingido esse alvo. O pastor dá forte ênfase à conquista de almas. Ele gasta menos tempo com os deveres administrativos da igreja e com o ministério rotineiro em favor dos membros, dedicando a maior parte de seu tempo ao ministério em prol dos que ainda não são membros e no preparo dos leigos. A igreja estuda e conhece sua comunidade local. Ela orienta seus programas de tal modo que satisfaçam às necessidades sentidas nessa comunidade.

5. O crescimento de igreja é uma aventura de fé. O pastor é um "pensador de possibilidade" que tem grandes visões. Ele crê na possibilidade de que sua igreja venha a crescer. Acredita que nada pode deter o seu crescimento. Os membros também estão repletos de ansiosa antecipação. Eles têm o senso de camaradagem. São uma equipe que trabalha unida para Deus. Sabem que sua igreja é uma igreja que conquista almas.

6. O crescimento da igreja ocorre quando o conjunto de membros desenvolve profunda vida espiritual interior. Eles se reúnem para orar e para louvar a Deus. Congregam-se em pequenos grupos de comunhão e estudo caracterizados pelo amor e pela solicitude. Têm a certeza de que seus pecados estão perdoados e de que são aceitos por Deus. Identificam e aceitam seus

dons espirituais individuais. Deus confere Sua bênção a essas congregações, dando-lhes uma afluência de conversos. Visto que a igreja tem qualidade, pode ser favorecida de quantidade. Ela constitui um ambiente seguro para novos membros.

7. O crescimento advém de uma congregação que é adestrada e que trabalha. É provável que os membros tenham um nível educacional mais elevado do que o das igrejas que não crescem, e é muito provável que a educação foi obtida em escolas adventistas. Os membros desempenham uma parte proeminente nas decisões e na direção da igreja. Grande porcentagem deles têm cargos na igreja ou ocupam outras posições de serviço. Eles se matriculam e se formam em classes sobre como testemunhar e dar estudos bíblicos. Põem as informações em prática. Empenham-se diligentemente em diversas formas de ministério de penetração em prol dos que se encontram dentro do círculo de sua influência, especialmente de seus parentes não adventistas.

8. Há crescimento de igreja onde os novos membros logo são incorporados à vida da igreja. Os conversos não são desprezados, mas recebem tarefas significativas para serem realizadas por eles. Grande parte da congregação que cresce consiste de membros relativamente recentes, os quais, no zelo de seu primeiro amor, estão partilhando seu testemunho com seus amigos não convertidos. Essa igreja também tende a ter uma média etária mais baixa. Os jovens e jovens famílias são essenciais à igreja que cresce.

9. O crescimento de igreja segue-se ao uso de métodos apropriados. É feito hábil uso de evangelismo público. O pastor dirige uma classe bíblica durante a Escola Sabatina. Ele visita os futuros membros em seus lares, estuda a Bíblia com eles, e desenvolve suas habilidades como ganhador de almas pessoal. A igreja procura suprir as necessidades da comunidade com várias aproximações criativas.

10. O crescimento de igreja, tanto numérico como espiritual, avança quando a apostasia é controlada e eliminada. A melhor maneira de realizá-lo é promover a vida espiritual dos membros, envolvê-los diligentemente na vida interna e na penetração da igreja e criar uma atmosfera que seja cordial, amistosa e solícita.

A DOCTRINA DAS ORIGENS

WARREN H. JOHNS

Redator associado da revista *Ministry*

*Aprouve a Deus, o Pai,
Filho e Espírito Santo,
para a manifestação
da glória de Seu eterno
poder, sabedoria e
bondade, no princípio, criar
ou formar do nada
o mundo e todas as
coisas nele contidas,
quer visíveis ou invisíveis,
no espaço de seis dias,
sendo tudo muito bom.
Depois de haver feito
todas as outras criaturas,
Deus criou o homem
e a mulher, ...
dotados de conhecimento,
justiça e verdadeira
santidade, segundo Sua
própria imagem,
tendo a lei de Deus escrita
em seu coração e poder
para cumpri-la;
estando contudo sob
a possibilidade
de transgredir, entregues
à liberdade de sua
própria vontade, que
estava sujeita
a modificações.
— The Westminster
Confession, Cap. IV.*

O modo como consideramos a Deus, o modo como encaramos o mundo ao nosso redor e o modo como compreendemos a nós mesmos, tudo tem suas raízes no verso inicial da Escritura: "No princípio criou Deus os céus e a Terra." Gên. 1:1. A teologia, como uma jóia de muitas facetas, só pode obter seu pleno fulgor e radiância das páginas iniciais da Palavra Sagrada. Assim como as palavras do Criador: "Haja luz" (verso 3) proveram o primeiro alvorecer para o mundo natural, os capítulos iniciais do Gênesis também provêem os primeiros raios de luz a respeito de Deus, o Criador, e Seu plano para todos os seres criados. É aí que os muitos aspectos da teologia cristã obtêm sua maior e mais profunda significação.

Toda doutrina importante da Igreja encontra seu firme fundamento na Criação. Para estabele-

cer correta doutrina de Deus bem como do homem precisamos começar com Gênesis 1. Vemos ali, em contraste com todos os antigos mitos da Criação, um Deus que é distinto da Natureza, um Criador que está acima e além de Suas obras criadas. Ali não há confusão entre a Divindade e a matéria, como no caso do paganismo ou panteísmo. Se fosse imposta uma interpretação panteísta a Gênesis 1, teríamos de dizer que Deus é Seu próprio Criador e que o relato dos primeiros sete dias é uma explanação de como Deus criou a Si mesmo. A partir do Gênesis, encontramos na Escritura o perfil heterogêneo de um Criador que possui infinita sabedoria (ver Sal. 104:24; Isa. 40:28) e grande poder (ver Jer. 27:5), cuja inteira atividade criadora constitui um sinal de Seu amor (ver Sal. 33:4-6) e que almeja o companheirismo de seres que podem amar e ser amados (ver Isa. 45:18; Deut. 6:4 e 5; Jer. 31:3). A Criação também revela outros aspectos do caráter de Deus, como Sua glória e divindade (ver Sal. 19:1; Rom. 1:19 e 20).

O Homem é Mais do que Uma Máquina

Gênesis 1 também retrata uma doutrina do homem em que este é distinto de seu Criador, bem como da Natureza. Se o homem não fosse distinto de Deus, ter-se-ia de dizer que ele criou seu próprio Deus, à sua imagem, conforme a sua semelhança. Isto seria humanismo, o qual exalta o homem como supremo ser do Universo. Quando o relato declara: "Então formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra, e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente" (Gên. 2:7), ele nos transmite o paradoxo de que o homem é separado da Natureza bem como uma parte da Natureza; ele é mais do que uma coleção de moléculas, mais do que uma máqui-

na habilmente inventada, com um cérebro como computador. Ele é distinto do mundo animal, porque recebeu um régio domínio sobre as demais criaturas (ver cap. 1:28). No entanto, como os animais, o homem não foi criado *ex nihilo*; Deus usou materiais preexistentes na criação de ambos (ver cap. 2:7; cap. 1:24). Portanto, podemos esperar encontrar semelhanças físicas, bioquímicas ou fisiológicas entre o homem e certos membros do reino animal, no passado ou no presente. De acordo com este significativo indício do Gênesis, não devemos ficar chocados por serem encontrados homínidos extintos, exumados na África, que têm maior semelhança com o homem do que os macacos vivos. Isto não prova que houve ascendência comum, de acordo com o Gênesis, e, sim, o mesmo Criador, que usou materiais comuns e um projeto similar.

O Gênesis também nos ensina que o homem é dotado de natureza moral, pois é formado à imagem e conforme a semelhança de Deus, o qual é um Ser moral (ver cap. 1:26). Ao homem é conferido algo que não foi dado às outras criaturas — a faculdade de fazer escolhas morais (ver cap. 2:16 e 17). Isto denota que a inteligência humana está num nível mais elevado do que a de qualquer outra criatura terrestre. Estudos científicos contemporâneos procuram demonstrar, porém, que os processos de raciocínio e pensamento do homem não são basicamente diferentes dos do reino animal: estudos evolucionistas tentam cobrir a lacuna entre o homem e os animais. Isto está em acentuado contraste com o teor do relato do Gênesis, o qual evidência a singularidade e distinção da humanidade, pelo menos no âmbito mental e espiritual.

A própria salvação tem suas raízes na Criação. Segundo o paralelismo sinônimo da seguinte passagem poética, as palavras

"Criador" e "Redentor" são equivalentes: "Porque o teu Criador é o teu marido; o Senhor dos Exércitos é o Seu nome; e o Santo de Israel é o teu Redentor; Ele é chamado o Deus de toda a Terra." Isa. 54:5. Outras passagens do Velho Testamento mostram que a salvação se baseia na Criação (ver Sal. 124: 7 e 8; Isa. 42:5 e 6; Jer. 33:2 e 3). A comparação das duas versões dos Dez Mandamentos revela que uma apresenta a Criação como a coluna central que sustenta o quarto mandamento, ao passo que a outra cita a redenção (ver Êxo. 20:8-11; Deut. 5:12-15). Semelhantemente, a redenção de Israel do cativo babilônico, efetuada por Deus, usando a Ciro, um segundo Moisés, como Seu instrumento, se baseia em Seu poder como Criador (ver Isa. 44:24 a 45:4, 12 e 13).

Cristo, o Centro da Criação

O Novo Testamento acrescenta uma nova dimensão à inseparável relação entre a Criação e a Redenção. É digno de nota que o Evangelho de S. João, o único dos quatro Evangelhos a considerar o estado de Cristo antes da encarnação, começa com as mesmas palavras de Gênesis 1:1.* Cristo é apresentado como Criador não somente aí mas também em Colossenses 1:16-18 e Hebreus 1:1-3. O Novo Testamento acrescenta a dimensão de que a obra da Criação se centraliza em Cristo. Visto que Cristo é nosso Criador e sendo que existe um laço especial entre o Criador e a criatura, como poderia Ele entregar-nos às arremetidas do pecado? Assim como é fora do natural que a mãe abandone o filho que ainda mama (ver Isa. 49:15), é inconcebível que Cristo entregue à condenação eterna aqueles a quem Ele trouxe à existência.

A capacidade de Cristo para salvar se baseia em Seu poder para criar. Se Cristo não tomou parte em nossa criação, não pode ser considerado nosso Salvador, pois unicamente o Criador tem o poder de salvar. É mister tanto poder divino para produzir vida em alguém cujo coração e mente foi amortecido pelo pecado como para dar vida a uma forma inanimada feita de argila e que jaz sobre o solo, ou para produzir um ser inteiro da costela de um homem.

Alguns acham que o relato da Criação é uma lenda que acom-

panha o estilo de outros antigos mitos do Oriente Próximo. Sigamos as inferências de semelhante raciocínio: Se Adão e Eva foram simples personagens lendários que nunca existiram, então não houve um autêntico jardim chamado Éden, nem a árvore do conhecimento do bem e do mal, nem o ato de comer do seu fruto e a subsequente queda em pecado. Se não houve queda em pecado, não há necessidade de um Salvador divino — podendo o homem tornar-se seu próprio salvador. O pecado, então, seria um mito, e o Cristo encarnado tornar-Se-ia desnecessário. Isto se opõe diretamente ao claro ensino da Palavra de Deus, o qual retrata nossa necessidade de um poder criador que opere dentro de nós. Davi orou: "Cria em mim, ó Deus, um coração puro" (Sal. 51:10), e Paulo descreve aquele que já experimentou a resposta a essa oração como sendo "nova criação" (II Cor. 5:17, RSV). A obra da Criação e a obra da Redenção têm essencialmente o mesmo objetivo — a produção da imagem e semelhança do divino no íntimo dos seres humanos (ver Gên. 1:26 e 27; cp. Rom. 6:5; II Cor. 3:18; Col. 3:10).

A Criação está inseparavelmente ligada à escatologia. Se damos pouca importância à primeira, diminuímos invariavelmente a importância da segunda. A força de uma reside na força da outra. O estabelecimento da geologia moderna como ciência amíuê é datado de 1785, quando o pensador escocês Tiago Hutton compareceu perante a Sociedade Real e terminou seu tratado sobre a história terrestre com as palavras: "O resultado, portanto, de nossa investigação é que não vemos nenhum vestígio de um princípio, nenhuma perspectiva de um fim." Hutton não estava negando a possibilidade de um princípio e de um fim da história da Terra; antes, estava dizendo que o geólogo não se restringe ao conceito bíblico de um princípio definido no espaço e no tempo para a história da Terra, nem a um fim catastrófico. Hutton estava em diametral oposição ao conceito bíblico de um Deus que está assentado sobre a redondeza da Terra e vê o fim desde o princípio (ver Isa. 40:22; 46:10). O mesmo poder que foi exercido para trazer o mundo à existência também precisa ser administrado na final destruição do mundo e na criação de novos céus e nova Terra (ver Isa. 65:17; II S. Ped.

3:7-13). Deus é realmente o Alfa e o Ômega, o princípio da primeira Criação e o princípio da segunda (ver Apoc. 1:8; 3:14; 21:6).

A metodologia que se aplica ao livro do Apocalipse e a natureza geral das conclusões que dele se extraem diferirão bem pouco do estudo que se faz do Gênesis, e vice-versa. Se dissermos que o Apocalipse é encarado meramente como um livro de simbolismos sem verdadeiros cumprimentos históricos, diremos igualmente que os primeiros capítulos do Gênesis são meros simbolismos que não se fundamentam em fatos históricos. Se afirmarmos que o último livro da Bíblia não tem mais relevância e valor para o pensamento do século vinte, faremos a mesma coisa com o primeiro livro. Se aplicarmos o Apocalipse de maneira estritamente literal, sem levar em consideração o simbolismo envolvido (por exemplo, o "sinal da besta" é uma marca literal na frente), com toda a probabilidade encaremos Gênesis 1 e 2 do modo mais literal possível ("Não poderia ter havido chuva no mundo edênico"). Além disso, se considerarmos o relato da Criação de maneira deísta ("Deus não interveio diretamente nos negócios do mundo, mas usa mecanismos secundários ou terciários"), usaremos o mesmo sistema para o Apocalipse. Por outro lado, se dissermos que o Criador de fato interveio diretamente na História e trouxe à existência o mundo edênico em seis passos repentinos, é muito provável que também consideremos a atual condição do mundo como sendo rápida e catastrófica, tendo sido causada pela direta intervenção do Criador nos negócios humanos. O princípio e o fim não podem ser separados teológica ou metodologicamente.

Cristo é Aquele que dá a maior e mais profunda significação ao princípio e ao fim. Ele adota o título "o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim" de Seu Pai (ver Apoc. 1:8 e 17; 21:6; cp. 16:17; S. João 19:30). A cruz abrange toda a história humana do princípio ao fim; seus braços apontam tanto para o passado — ao tempo em que o homem conversava face a face com o Seu Criador — como para o futuro — ao tempo em que os Seus seguidores "contemplarão a Sua face" (Apoc. 22:4). Assim, a cruz é o ponto focal tanto para a Criação como para os últimos atos no drama da redenção.

Criação, a Base da Doutrina

Muitos outros ensinamentos do cristianismo têm suas raízes no Gênesis. A instituição do sábado e seu repouso semanal (que será considerado num artigo posterior) remonta ao Éden, e não meramente ao Sinai. Quando Cristo descansou na tumba, Ele estava honrando o sábado da Criação e indicando que a obra da redenção sobre a cruz era completa, assim como Seu descanso no sétimo dia da semana da Criação indicava que Sua obra criadora era completa e perfeita (ver Gên. 1:31; Heb. 4:3 e 4). Seu brado na cruz: "Está consumado!" se equipara à conclusão de Seus labores no fim da semana da Criação (Gên. 1:31; 2:2). Assim como "Deus... disse: De trevas resplandecerá luz" (II Cor. 4:6) no primeiro dia que assinalou o começo da história humana, Cristo, a luz do mundo, também Se ergueu do escuro sepulcro no domingo de manhã, assinalando o início de uma nova era para a humanidade. A seqüência do tempo da Criação foi preservada na cruz, e o sábado é para nós uma lembrança semanal da obra criadora de Cristo durante a primeira semana da História, bem como de Sua obra criadora em nosso coração no tempo presente.

Todo culto verdadeiro tem sua fonte na Criação. Até onde vai o relato bíblico, o primeiro coro e culto de adoração ocorreram em conexão com a criação da Terra — "quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus" (Jó 38:7). Só pode haver verdadeiro culto quando o homem se humilha diante de seu Criador, quando a criatura reconhece sua condição de ser criado e a grandeza do Criador. Semelhante espírito nos é transmitido em muitos salmos: "Vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhe-mos diante do Senhor que nos criou"; "Quando contemplo os Teus céus, obra dos Teus dedos, e a Lua e as estrelas que estabeleste, que é o homem, que dele Te lembres?" Sal. 95:6; 8:3 e 4. Quando refletimos sobre a magnitude e complexidade do Universo, bem como nos mistérios encerrados em nosso próprio planeta, nosso espírito freme de emoção diante do fato de que o Criador nos prodigalizou tanto tempo e atenção, amor e solicitude, em Sua obra de redenção! Acaso não somos como um áto-

mo em comparação com o Seu vasto domínio?

A instituição da família também se encontra dentro do âmbito da Criação. Não se pode encontrar melhor explicação para o fato de que o próprio casamento tem o selo da aprovação de Deus do que o conhecimento de que o Criador realizou a primeira cerimônia matrimonial no mesmo dia em que Adão e Eva vieram à existência, e de que o Criador encarnado reconheceu sua origem divina realizando Seu primeiro milagre de que há menção numa cerimônia matrimonial judaica (ver S. João 2:1-11). O futuro da sociedade gira em torno da integridade do lar, e a integridade do lar depende de nosso reconhecimento da origem divina do casamento e de nossa disposição para levá-lo avante de acordo com o plano divino.

A sobrevivência da sociedade em face de um futuro perigoso também depende do reconhecimento da fraternidade humana, que promana igualmente da realidade da Criação. O apóstolo Paulo, o qual foi talvez o maior defensor da fraternidade humana no primeiro século, com exceção da própria pessoa de Cristo, declarou aos atenienses que Deus "de um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da Terra" (Atos 17:26). O reconhecimento do fato de que todos somos irmãos, tanto literal como espiritualmente, torna imperioso que tratemos uns aos outros com amor, respeito e atenciosa solicitude. Deixar de fazê-lo nos coloca sob a repreensão que se encontra em Malaquias 2:10: "Não temos nós todos o mesmo Pai? Não nos criou o mesmo Deus? Por que seremos desleais uns para os outros, profanando a aliança de nossos pais?" A ética das devidas relações humanas tem suas raízes na Criação. Pode-se mostrar assim que as grandes doutrinas do cristianismo, bem como as práticas da vida cristã, todas se originam na Criação.

Por que o Criador Se Ocupou em Criar?

Além de considerar sua importância no sentido doutrinário, podemos constatar a importância da Criação analisando as razões por que o Criador Se ocupou em criar. De acordo com as Escrituras, o homem foi explicitamente criado para a glória de Deus (ver Isa. 43:7), para habita-

ção da Terra vazia (ver Isa. 45:18) e para realizar boas obras no serviço de Cristo (ver Efés. 2:10).

Gênesis 1 e 2 sugerem duas razões adicionais, mas complementares, para a existência do homem. Primeira: o homem foi criado para o serviço. Assim como a luz e o solo foram formados como condições prévias para a existência de plantas, e as plantas para a existência dos animais, e os animais para o serviço do homem, este último foi feito para o serviço da mais elevada forma de existência, o próprio Deus. A estrutura gradual do relato da Criação denota que cada nível é servo do próximo nível superior. Deus não terminou Sua obra no sexto dia, e, sim, no sétimo, segundo é declarado em Gênesis 2:2, o que denota que o homem não constituiu o ponto culminante da Criação, mas foi feito para o serviço de Deus. A forma paralela de Gênesis 1 — sendo que os primeiros três dias correspondem aos três que vêm em seguida, e o último dia constitui o remate de toda a semana — nos leva a inferir que a lei do serviço estava escrita na face da Criação naquele tempo, tanto quanto na face da Natureza hoje em dia. Isto é a exemplificação de verdadeiro ministério!

Segunda razão: o homem foi criado para companheirismo. Entre muitas outras coisas, Gênesis 1:26 envolve companheirismo: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança." Só pode haver pleno companheirismo quando dois seres têm um laço em comum e quando há muito mais semelhanças do que diferenças. Quando acabou de ser criado, Adão não pôde ficar muito entusiasmado pela amizade com meros animais, portanto Deus criou em ser que, como Adão, era à Sua imagem. Quando Adão começou a aumentar sua família depois da trágica morte de seu segundo filho e a fuga de seu primogênito para o exílio, o relato declara que ele "gerou um filho à sua semelhança, conforme a sua imagem" (Gên. 5:3). Isto foi novamente para dilatar o círculo de amizade, que se rompera anteriormente. Assim como Eva foi criada para companheirismo com seu amado, e Sete foi trazido ao mundo para ser companheiro de seus pesados pais, Adão também foi criado à imagem de seu Criador para que pudesse desfrutar primorosa e incomparável comunhão com a Divindade. Isto é o

supremo alvo da redenção, bem como da Criação.

Sem uma revelação divina seríamos totalmente incapazes de interpretar corretamente o livro da Natureza ou ter correto conhecimento do Criador e Sua obra de Criação (ver o artigo "A Escritura é por Inspiração de Deus", *O Ministério Adventista*, março-abril de 1982). As obras da Criação nos provêm uma janela para contemplar o Criador; podemos olhar através da Natureza para ter vislumbres do Deus da Natureza. Mas é por meio de Sua Palavra inspirada que podem ser respondidas as perguntas fundamentais acerca da Criação. Só na Escritura podemos descobrir quem é o Criador (ver Sal. 100:3; Isa. 40:28; 43:15; S. João 1:1-3 e 14; I Cor. 8:6; Apoc. 4:11), o modo ou a maneira pela qual Ele criou (ver Sal. 33:6 e 9; 104:24; 136:5), a amplitude de Suas atividades criadoras (ver Êxo. 20:11; 31:17; Neem. 9:6) e as razões para a Criação. Sem a Palavra escrita não seríamos capazes de perceber a providência de Deus em sustentar Sua obra da Criação, um fato que tem amplo apoio na Escritura (ver Neem. 9:6; Sal. 147:8 e 9 e 16-19; Isa. 40:26; Atos 14:17; Col. 1:17). Isto exclui o conceito deísta de um Criador-proprietário "ausente".

A Criação não pode ser provada pelo método científico, pois este método só pode lidar com acontecimentos que se repetem. Não é possível arquitetar nenhuma experiência científica para demonstrar a probabilidade ou mesmo a possibilidade da Criação. Isto nos conduz à declaração bíblica de que a prova definitiva é a prova da fé: "Pela fé entendemos que foi o Universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem." Heb. 11:3. A fé não invalida a razão — "pela fé entendemos". A criação é um catalisador que nos estimula a pensar em conformidade com Deus e a seguir as pegadas do Criador através do maravilhoso e interminável domínio da ciência. Unicamente quando atendermos às recomendações para ponderar e estudar começaremos a compreender nossa qualidade de criaturas e a grandeza de nosso Criador (ver Jó 12:7-10; Sal. 104:24; 111:2 e 4; Isa. 40:26).

* A tradução grega de Gênesis 1:1, na Septuaginta, começa com as palavras *En arche epoiesen 'o Theos*, ao passo que S. João 1:1 começa com *En arche en 'o logos*. *Logos* é equiparado com *Theos* no mesmo verso.

OCUPANDO-NOS DOS GRANDES FEITOS DE DEUS

ELBIO PEREYRA

Os "Erros" da Bíblia

Entre os cristãos há pelo menos três pontos de vista referentes às Escrituras. A posição mantida pelos liberais, há bastante tempo, é a de que a Bíblia é um livro puramente humano. Contém os registros das experiências religiosas de alguns crentes eminentes em Israel e na Igreja Cristã. Esses registros da experiência e percepção pessoais, visto que só é decisivo o que podemos experimentar por nós mesmos. Essa autoridade da Escritura é subjetiva; depende muito do indivíduo que a percebe e experimenta.

A posição mantida pela neortodoxia também afirma que a Bíblia é um livro puramente humano. Difere da posição dos liberais, pois declara que a Escritura não é somente o registro das experiências humanas subjetivas, mas também um testemunho da revelação de Deus, isto é, de Sua revelação por meio de Jesus Cristo. A Bíblia é falível. Contém erros referentes a fatos e julgamentos. Quando o Espírito torna esse testemunho uma experiência pessoal do indivíduo, esse instrumento humano, falível, que contém erros, passa a ser a Palavra de Deus, uma revelação de Deus. A autoridade da Bíblia é ao mesmo tempo relativa e absoluta. Em seu caráter de testemunho humano, é relativa. Pode ser livremente submetida à crítica. É absoluta quando apraz a Deus falar através dessa testemunha que é a Escritura. É então que se realiza a revelação.

A posição evangélica tradicional e clássica, pode-se dizer, afirma que a Bíblia é Palavra de Deus em linguagem humana. Chegou-nos através de lábios e penas humanos. Este é o concei-

Ao considerar o conteúdo deste artigo, o último da série, seria bom que o leitor tivesse em mente a seguinte afirmação elucidativa, porque voltaremos a ela: Não se trata de rebaixar a Bíblia para elevar a Ellen G. White.

Mais de um adventista teve que ampliar seu conceito de inspiração à medida que avançou no conhecimento da maneira pela qual os profetas receberam e transmitiram suas mensagens.

São muitos os casos entre nós de pessoas que aderiam ou aderem, tacitamente, ao conceito de inspiração verbal, tanto em relação com a Bíblia como com os escritos de Ellen G. White. Não se ensinava isso teoricamente, mas na prática essa era a posição de muitos docentes e pregadores, nas aulas e nos púlpitos, apesar de que sobram dedos de u'a mão para contar os pioneiros que a defenderam. Os anos, as circunstâncias e as realidades da Bíblia têm-se encarregado de produzir uma evolução que resulte numa posição mais racional, realista e amadurecida. E isso não degrada em nada as maravilhosas manifestações escritas da revelação ou da inspiração.

Dissemos num artigo anterior que toda a Bíblia foi inspirada divinamente, mas nem toda ela é revelação. Tomemos o caso do segundo capítulo de Daniel. Os primeiros 28 versículos constituem o relato provido pelo próprio profeta como testemunha dos acontecimentos. O profeta não necessitou de uma revelação de Deus para consigná-lo na Palavra de Deus. Mas, a partir do verso 29, a natureza do material se altera. Trata-se de algo que Daniel jamais poderia haver chegado a saber por si mesmo. Todo o capítulo dois de Daniel é, pois, material inspirado; porém, somente os versículos 29 e 31 a 45 constituem revelação pura recebida de Deus, "que revela mistérios" ao homem.

to que campeia nos escritos dos pais da Igreja, dos teólogos da Idade Média, dos reformadores e, pode-se acrescentar, dos teólogos posteriores à Reforma. A Igreja Católica se desviou do conceito tradicional acrescentando, posteriormente, os elementos da tradição e do magistério da Igreja. Estes são claramente afirmados nas cláusulas do Segundo Concílio do Vaticano, sobre o assunto. Com isso se debilitou a autoridade bíblica. Essa debilitação também é notada no protestantismo das últimas décadas, mas devido a outras influências.

No primeiro artigo da série tratamos dos conceitos de revelação-inspiração mantidos pela Igreja Adventista, devido, em grande medida, às definições formuladas por Ellen G. White. Apesar delas, lamentavelmente, na prática são muitos os que, consciente ou inconscientemente, aderem ao conceito de inspiração verbal.

Houve teólogos e críticos que levaram o assunto das inexatidões e dos "erros" da Bíblia a tal ponto que alguns estudiosos da mesma temeram que isso destruiria a fé cristã e minaria as igrejas. No século XVII usava-se muito a expressão "alta crítica". A alta crítica trata dos assuntos relacionados com os autores dos textos, com datas e com a unidade do texto. A "baixa crítica" se ocupava do texto em si; de determinar qual era o texto correto dos documentos antigos. Em nossos dias o sistema é conhecido como "crítica textual". Mas podemos encarar as discrepâncias de outro ponto de vista, tendo em mente o critério de inspiração que temos estado a descrever. Tomemos um caso de inexatidões ou discrepâncias no texto. Nem sempre são percebidas pelo leitor corrente, espiritual, que busca as mensagens básicas de Deus na Palavra e não tanto os problemas suscitados pela intervenção do homem no processo da revelação-inspiração.

No livro de Atos dos Apóstolos, Lucas registra a experiência de Estêvão e reproduz seu discurso. O autor declara no começo que seu livro é o resultado de uma investigação. Sua introdução difere da do Apocalipse, pois este último está constituído, basicamente, de revelação direta de Deus.

O que segue agora são comentários à primeira vista. Um estudo mais profundo pode levar-nos a conclusões muito interessantes

que em nada desmerecem a obra de Lucas nem a da Palavra. O relato de Estêvão complementa e aclara o de Gênesis.¹ Mas alguns detalhes do relato de Estêvão diferem do de Moisés, pelo menos aparentemente.

Segundo Lucas, o qual cita a Estêvão, as pessoas que deixaram Canaã foram 75. O Gênesis fala de 70. A versão que Estêvão e Lucas tinham lido era a *Septuaginta* que, efetivamente, menciona o número 75. A informação correta tinha sido dada por Moisés. O número total seria 70. O que aparece na Versão dos LXX surgira de um erro de copista.

A consideração das declarações que haviam sido formuladas por Estêvão e consignadas por Lucas sobre a propriedade de Jacó, citada no versículo 16, revela outra discrepância. A cova de Macpela foi comprada por Abraão do heteu Efrom, por 400 siclos de prata, para sepultar a sua esposa Sara. Jacó, por sua vez, adquiriu outra propriedade dos filhos de Hamor, pai de Siquém, por cem peças de dinheiro, e erigiu ali um altar.

Antes de morrer, Jacó pediu a seus filhos que o sepultassem na cova onde descansavam Abraão, Sara, Isaque, Rebeca e Lia. Mas Lucas como que faz Estêvão dizer que Jacó foi sepultado em Siquém, no sepulcro que Abraão comprou aos filhos de Emor. Mas Abraão comprou a propriedade de Efrom. Foi Jacó quem comprou a propriedade de Emor (ou Hamor), de acordo com o relato de Gênesis.² A última possível diferença poderia estar nos nomes das divindades e das cidades mencionadas por Amós e Lucas.³

Pormenores similares aparecem em outros lugares da Bíblia. Quais eram, realmente, as palavras da inscrição colocada sobre a cruz de Cristo?⁴ Os evangelistas diferem quanto ao número dos endemoninhados de Gadara.⁵ Não sabemos ao certo se o encontro de Bartimeu com Jesus ocorreu quando Jesus chegava a Jericó ou quando saía dessa cidade.⁶ Também não podemos saber com certeza se o pai de José se chamava Jacó ou Heli⁷, ou se Arfaxade era o avô ou o pai de Salá.⁸

Deus é infalível e o homem é falível. Que sucede quando esse Deus infalível e o homem falível se encontram no fenômeno da revelação-inspiração? Pode acaso o material original, procedente do Deus infalível e transmitido

pelo instrumento falível, conter inexatidões? Sim. O problema não procede de Deus, mas se origina no homem limitado e falível. Não na mensagem em sua essência, e, sim, na linguagem e nos elementos de cultura de quem a transmite. Os dois elementos, a infalibilidade e a falibilidade, estão presentes no fenômeno da revelação-inspiração. É da contribuição humana que derivam as imperfeições nos detalhes, como os que comentamos anteriormente. A Bíblia é diferente de todos os outros livros: é o Livro que contém uma mensagem — "mistério", como o chama Paulo, oculto por muito tempo, mas revelado em Cristo, o qual é a suprema revelação de Deus. As Escrituras referem os grandiosos e poderosos atos de Deus em Cristo. Alguns deles são: a encarnação e o nascimento sobrenatural do Filho de Deus; Sua vida, ministério, morte, ressurreição e intercessão; a primeira, a segunda e a terceira vindas de Cristo à Terra para acabar com o conflito milenar entre o bem e o mal; o juízo final e o estabelecimento definitivo do Reino. Estes fatos que se encontram relacionados com as palavras resgate, redenção, substituição, expiação, justificação pela fé, perdão dos pecados, intercessão, santificação, glorificação e outros da mesma espécie, podem perder-se quando nos concentramos nos pormenores do texto que nos comunica as coisas de Deus. Estes assuntos são básicos na revelação. São os que o homem precisa conhecer bem. Quando os comparamos com os detalhes geográficos, históricos ou numéricos, talvez não tão bem definidos por Estêvão; ou com os cronológicos, genealógicos ou descritivos que mencionamos, aqueles se avolumam consideravelmente, e os últimos desaparecem na insignificância. Seria uma manifestação de infantilidade atribuir importância aos pormenores, pois não depreciavam esses grandiosos fatos de Deus já realizados, os que são levados a cabo e os que ainda serão completados na pessoa e obra de Jesus Cristo.

Alguns eruditos têm gasto tempo que não se pode medir e páginas que não se podem contar procurando definir a forma verbal *nisdac*, de Daniel 8:14, que só aparece uma vez na Bíblia, nessa passagem de Daniel. Quando nossos conceitos diferem, recorremos ao hebraico e ao grego, aos recursos da hermenêutica e

da exegese, ao método histórico-gramático-contextual considerado como autêntico para a correta compreensão da Palavra em contraste com o tão simples da prova pelo texto, utilizado amiúde pelos que realmente conduzem almas ao Senhor e Sua Igreja. Ou talvez aos prolongados, custosos e eruditos conchaves nos quais é proeminente o saber humano, a cultura, a erudição, e que às vezes tendem mais a separar-nos do que a unir-nos, desviando-nos da atenção da comissão evangélica e do mundo que perece. O sentido de missão se dilui nessas disquisições.

Setenta anos atrás, quando alguns líderes debatiam e procuravam definir o "contínuo" (*daily* em inglês), a serva do Senhor declarou que não se usassem seus escritos para procurar definir o termo, porque isso não era assunto de importância; que a esse respeito o silêncio era eloquência; que apraz ao inimigo desviar a mente das grandes questões que constituem nossa mensagem. E acrescenta: "A obra que o Senhor nos deu neste tempo é apresentar ao povo o verdadeiro esclarecimento quanto aos pontos de prova de obediência e salvação" e "O dever dos servos de Deus neste tempo é pregar a Palavra nas cidades."⁹

Perguntamos: Que fariam os eruditos se deles dependesse o avanço da obra, se não fossem os heróicos leigos, colportores e obreiros de vanguarda que somente extraem a luz das verdades básicas e práticas que as pessoas necessitam saber para salvar-se e para viver até à redenção final?

Isso não significa que o lugar dos primeiros não seja de vital importância, pois comunicam informações que constituem o acervo de erudição aplicável em muitas ocasiões na comunicação evangélica. O assunto é não permitir que algo nos detenha no senso de missão com o qual nasceu esta Igreja e na comunicação das verdades essenciais, do conhecimento básico e prioritário do evangelho.

Os "Erros" de Ellen G. White

Os problemas atuais relacionados com a inspiração de Ellen G. White originaram a série destes artigos que culmina com este último. Trata-se de um assunto que está em foco nestes dias. O problema surgiu e está presente na

Igreja. É bastante ventilado dentro e fora dela.

Os escritos de Ellen G. White, dizem alguns, contêm erros. Ela não é original: extraiu muita coisa de outros do que aparece como sua obra literária. Não é autoridade em doutrina nem em profecia. Seus conselhos são principalmente de natureza pastoral. Como exemplo de erros é mencionada sua posição modificada sobre a "porta fechada" (que aparece em seus escritos quando ela ainda era jovem);¹⁰ a mudança de posição, inconsistente a princípio, dizem, sobre o uso de carne de porco (sobre a qual escreveu antes de receber a orientação abarcante sobre saúde em 1863).¹¹ Ou o seu giro na interpretação da lei em Gálatas, considerada por ela e pela maioria dos pioneiros, a princípio, como referência somente à lei cerimonial, porém que ela, depois de 1888, aplica em forma particular à lei moral.¹² A lista continua com assuntos dessa índole.

Muitos são os que se dedicam a encontrar problemas na Bíblia, e os encontram. Aqueles que os buscarem em Ellen G. White também os acharão. Nos *Testemunhos*, em inglês, ela diz, referindo-se a um conselho que deu, que nele se havia equivocado. Deixou registrado o caso com sua confissão.¹³ A respeito da verdade, adquiriu um conhecimento progressivo. O fato de haver sido uma profetisa não lhe proveu automaticamente um conhecimento correto de tudo e de uma vez. Paulo deu conselhos pessoais. Eles não procediam de Deus, e, sim, de um homem que possuía o Espírito de Deus.¹⁴ Pedro errou, e Paulo resistiu-lhe firmemente, mesmo depois do Pentecostes.¹⁵ Não sabemos se alguma vez conversou com Paulo sobre o que se relata deste em Atos 21.¹⁶ Natã deu um conselho equivocado a Davi.¹⁷ Samuel teria escolhido mal o homem para o reino se não houvesse sido corrigido pelo Senhor.¹⁸ É que ninguém tem o direito de esperar que os profetas estejam em todo o momento sob a experiência revelatória ou inspiracional, desde que são chamados ao cargo profético.¹⁹

Como dissemos na introdução, ao comentar as deficiências em alguns detalhes da Bíblia, não somos impelidos a rebaixá-la para elevar a Ellen G. White, porque, tanto no caso dos escritos canônicos como nos que não são canônicos, foi a contribuição humana

que pôde suscitar problemas. Finalmente, não recebemos as coisas de Deus em linguagem sobre-humana. Se Deus nos falasse em "Seu idioma", não O entenderíamos. Sua condescendência sempre tem sido um fato bem manifesto em Seu trato com a humanidade.

"A Bíblia não nos é dada em elevada linguagem sobre-humana. A fim de chegar aos homens onde eles se encontram, Jesus revestiu-Se da humanidade. A Bíblia precisa ser dada na linguagem dos homens. Tudo quanto é humano é imperfeito. ... O tesouro foi confiado a vasos de barro, todavia não é por isso menos do Céu. O testemunho é transmitido mediante a imperfeita expressão da linguagem humana, e não obstante é o testemunho de Deus; e o obediente, crente filho de Deus nele contempla a glória do poder divino, cheio de graça e de verdade."²⁰

(Fim da série.)

Referências

1. Gênesis 11:26-32; 12:1-5 e Atos 7:2-4.
2. Gênesis 23:16; 33:18 e 19; 49:29-32 e Atos 7:16. O Velho Testamento não contém a informação dada por Estêvão de que os restos dos "pais" "foram transportados para Siquem". Uma tradição samaritana declara que sim. Jerônimo, no quarto século, declara que em seus dias existiam 12 túmulos, chamados dos doze patriarcas, em Siquem. (6 BC, pág. 199.)
3. Atos 7:43 e Amós 5:25-27.
4. S. Mat. 27:37; S. Mar. 15:26; S. Luc. 23:38; S. João 19:19.
5. S. Mat. 8:28; S. Mar. 5:2; S. Luc. 8:27; *O Desejado de Todas as Nações*, ed. popular, págs. 320 e 323.
6. S. Mat. 20:29; S. Mar. 10:46; S. Luc. 18:35.
7. S. Mat. 1:16; S. Luc. 3:23.
8. Gên. 11:12; S. Luc. 3:35 e 36.
9. *Mensagens Escolhidas*, livro 1, págs. 164-168; *Life of Paul*, pág. 68.
10. Para uma consideração abarcante do tema, ver F. D. Nichols, *Ellen G. White and Her Critics*, págs. 161-238.
11. *Testimonies*, vol. 1, págs. 206 e 207, escrito em 1858. O Pastor J. White escreveu um artigo em defesa da carne de porco em *Present Truth*, novembro de 1850. A visão abarcante sobre a saúde foi recebida somente em junho de 1863.
12. *Mensagens Escolhidas*, livro 1, págs. 233-235.
13. "Sob essas circunstâncias rendi minha opinião aceitando a de outros. ... Nisto me equivoquei." Trata-se de um conselho relacionado com o Instituto de Saúde de Battle Creek, quando eram traçados os planos para criá-lo.
14. I Cor. 7:6, 10, 12, 25, 35 e 40.
15. Gál. 2:11-13 e Atos 10:28.
16. Atos 21:21-27; *Atos dos Apóstolos*, págs. 404-407.
17. II Sam. 7:1-14.
18. I Sam. 16:6 e 7.
19. *Life of Paul*, pág. 214. "Embora alguns desses homens escrevessem sob a inspiração do Espírito de Deus, não obstante, quando não estavam sob sua direta influência, cometeram erros." Ver o caso de Eliseu. II Reis 4:27.
20. *Mensagens Escolhidas*, livro 1, págs. 20 e 26.

RENOVAÇÃO

CARLOS AESCHLIMANN

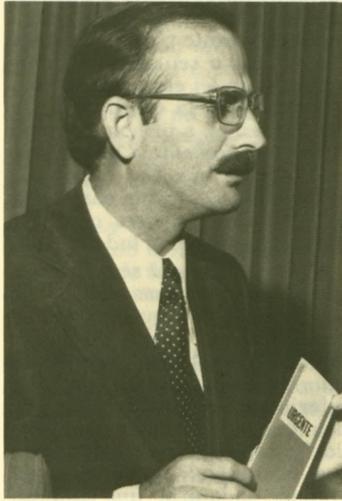
Secretário Ministerial da Divisão Interamericana.

"E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela **RENOVAÇÃO** da vossa mente." Rom. 12:1. Renovar-se é uma atitude dinâmica que reforça a vontade de progredir, provar, criar e produzir ao máximo. A estagnação é preguiça intelectual e receio de sair dos velhos sulcos. Os médicos, professores, vendedores e industriais precisam atualizar-se; fossilizar-se é fracassar e desaparecer. Com maior razão, os evangelistas, pastores, administradores e departamentais devem cultivar a vocação da renovação. Disse Ellen G. White: "Nossa obra é progressiva, e deve haver oportunidade para os métodos serem melhorados... Os obreiros de Deus devem esforçar-se por ser homens multilaterais; isto é, devem ter amplitude de caráter. Não devem ser homens de visão acanhada, esteotipados com uma única maneira de trabalhar, presos aos mesmos costumes." — *Evangelismo*, págs. 81 e 82.

Que coisas convém renovar? Os métodos devem ser revisados e modificados segundo o lugar e as circunstâncias. Os sermões precisam ser reatualizados; na realidade, o pastor deve produzir constantemente novos sermões. A biblioteca deve ser expurgada e atualizada. Sobretudo, cumpre renovar as idéias e os conceitos. Muitas vezes convém renovar as opiniões que temos sobre as pessoas. As relações matrimoniais devem ter nova louçania e viço. Acima dê tudo, porém, cumpre renovar nossa relação com Deus. Esta deve ser uma tarefa diária.

Nossa organização, com muita sabedoria, renova a administração, a direção departamental, e troca os pastores para que os Campos e as igrejas gozem de novas idéias e diversos tipos de liderança.

No entanto, se a administração, a direção departamental ou



os pastores permanecem bastante tempo num lugar, devem ter a inteligência de renovar suas idéias, métodos e planos. Lançar novos desafios, empreender novas façanhas. Tudo menos estagnar-se e fossilizar-se.

Enfrentamos uma tarefa colossal: terminar a obra num mundo cada vez mais sofisticado e difícil. É necessário ativar todos os nossos dons e toda a nossa capacidade de renovação. Aconselha a serva do Senhor: "Há necessidade de homens que orem a Deus pedindo sabedoria e que, sob a orientação divina, possam pôr nova vida nos antigos métodos de trabalho e inventem novos planos e métodos modernos de despertar o interesse." — *Evangelismo*, pág. 105. Além disso, ela previne que a obra é tão grande e complexa que ninguém deve pensar "que suas habilidades devem realizar a maior tarefa", e, sim, aceitar as idéias de outros e entre todos levar avante a obra.

Contudo, há algo que jamais deve mudar: nossa lealdade a Deus, a Sua verdade, a Sua Igreja. Tampouco deve mudar ou diminuir nosso fervor e entusiasmo pela conquista de almas.

Francisco Estrello tem um fervoroso apelo em verso:

"Rompe a rotina!
Não faças de tua vida uma mesma nota
Golpeando em surdina;
Deixa os caminhos trilhados e velhos
E segue a rota que ninguém há pisado.

Começa a andar por novos caminhos
E abre sulcos novos onde não tenha penetrado
A relha de aço de nenhum arado.

Rompe a rotina!
Não seja tua vida rincão de museu;
Sacode o pó deixado pelos séculos
E segue avante; caminha e caminha
Numa aventura que nunca termina.

Rompe a rotina!
Sacode a vida com um ritmo novo,
E deixa que em tua alma, fugaz peregrina
Floresça o milagre de um raro renovo.

MIGUEL ÂNGELO: TEÓLOGO POÉTICO

ROBERTO ALLEN PATTERSON



Tendo alcançado perpétua fama por suas magníficas obras de arte, Miguel Ângelo muitas vezes é passado por alto como poeta. Mas é aí que ele expressa sua derrota pessoal, sua frustração com o pecado e seu intenso anseio pela certeza da salvação.

O nome de Miguel Ângelo (1475-1564) é bem conhecido nos setores da pintura e escultura, e não tanto no âmbito da arquitetura; mas raras vezes é mencionado na área de literatura. Embora ele expressasse determinados conceitos teológicos em suas pinturas e esculturas, é sua poesia que revela mais claramente suas lutas internas consigo mesmo e com Deus. A poesia tem sido utilizada há muito tempo como meio de expressão subjetiva; suas palavras podem revelar as agitações, os conflitos e as convicções interiores experimentados pelas pessoas. Indivíduos

sensíveis, ao enfrentar questões desconcertantes acerca da vida, podem começar a escrever poesias como meio de catarse pessoal. Tal foi o caso de Miguel Ângelo.

Se o teólogo é alguém que se esforça por obter significativa compreensão de Deus e do homem, e da interação entre eles, então Miguel Ângelo certamente faz jus a esse título. Ele não era, porém, um erudito abstrato que ponderava sobre mistérios divinos; antes encontrava-se no tablado das lutas subjetivas, escrevendo acerca de experiências e observações pessoais. Era um homem de dois mundos e conhecia muito bem os conflitos entre eles. Papas e príncipes contendiam por seu tempo e talentos numa época em que a condição social era realçada mandando renomados artistas decorar tudo — desde aposentos a túmulos.

Toda a coleção de seus poemas (incluindo cartas escritas a amigos, em forma de verso, um cos-

tume que não era incomum naquele tempo) retrata um homem seriamente envolvido em todas as questões, angústias e paixões da vida. Os poemas, consistindo principalmente de sonetos e madrigais, não são polidos no sentido usual da palavra. Ele não era um poeta mercantilista que lapidava palavras rimadas simplesmente para ganhar dinheiro. Escrevia com o propósito de expressar emoções e preocupações individuais.

Os poemas de Miguel Ângelo estão repletos de declarações poéticas que podem ser usadas para ilustrar sermões, lições da escola da igreja ou como ponto focal em devoções pessoais. Consideremos especificamente dois assuntos teológicos que se encontram em toda parte dos poemas de Miguel Ângelo.

A Realidade do Mal e do Pecado Pessoal

Num soneto ele faz uma importante declaração a respeito do processo do mal. Digo "processo" porque há uma dinâmica relacionada com o mal. A menos que seja detido, ele continuará aumentando. Miguel Ângelo expressou uma verdade psicológica e espiritual ao escrever: "O mal, quanto menos desagradável, mais cresce."¹

Num madrigal posterior, ele incluiu uma linha sobre o mal, que todos fariam bem em lembrar: "Pois o mal causa muito mais dano do que suporta o prazer."² Nessa importante observação, Miguel Ângelo reconhece que pode haver certa quantidade de "prazer" em praticar o mal.

Esse é precisamente o seu engodo — algo será agradável ou melhor; obteremos ou realizaremos alguma coisa que julgamos nos trará maior medida de alegria do que experimentamos atualmente. No entanto, o resultado final do mal é uma grande diminuição da alegria porque o silêncio dano e pesar produzido por ele prossegue muito tempo após o declínio do prazer inicial.

Miguel Ângelo sentia tão intensamente a realidade do pecado em sua vida, que escreveu num momento de desespero: "Minha vida, na verdade, não é minha, mas do pecado."³ Numa sextina inacabada, encontramos uma súplica pela ajuda de Deus para combater o pecado e mal pessoal:

"Sinto estar sendo
[transformado em nada
E a natureza pecaminosa
[está em toda a parte.
Oh! despoja-me de mim
[mesmo, e com o Teu escudo,
Com os teus braços
[compassivos e dignos
[de confiança,
Defende-me contra
[mim mesmo."⁴

Isto nos conduz a outro assunto teológico nos poemas de Miguel Ângelo:

A Necessidade de Modificação Pessoal

Assim como o salmista, o qual implorou: "Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova dentro em mim um espírito inabalável" (Sal. 51:10), Miguel Ângelo sentia necessidade de modificação pessoal e renovação espiritual. Ao mesmo tempo, porém, sentia-se incapaz de efetuar as necessárias mudanças por si mesmo.

"Oh! faze-me de tal modo
Que eu possa ver-Te
[em toda a parte!
Não invoco e imploro a
ninguém mais senão a Ti.
Querido Senhor, diante
[de meu obscuro
e inútil tormento,
Só Tu podes renovar
[por dentro e por fora
Minha vontade, minha
[mente
e meu moroso e pequeno
[poder."⁵

Miguel Ângelo viveu até atingir 89 anos de idade, e um ponderado soneto escrito nove anos antes

de sua morte revela sua perpétua luta consigo mesmo. É um soneto um tanto obsessante, pois, de um lado, revela o grande desejo de tornar-se "melhor pessoa", e, por outro lado, grande frustração pessoal por sua incapacidade para efetuar-lo. Como muitos de nós, o maior problema de Miguel Ângelo era ele mesmo. Esse soneto é realmente a oração de um homem que almejava ter maior comunhão com Deus antes de sua morte. (Ver Soneto A)

As últimas duas linhas indicam que Miguel Ângelo conhecia a importância da resposta humana à graça de Deus. Ele também conhecia a tendência da natureza humana para adiar o ato de voltar-se a Deus e o que isso pode tragicamente causar à "boa vontade" das pessoas.

(Ver Soneto B)

No ano seguinte, 1556, ele escreveu uma carta na forma de um soneto ao Bispo Beccadelli, na qual ele expõe sua certeza de salvação:

"Por meio da graça, da cruz e de
[tudo que temos suportado,
Encontrar-nos-emos no Céu,
[Monsenhor. Estou
[convencido."⁸

Seus poemas revelam que Miguel Ângelo era um homem que conhecia a derrota e a frustração pessoais que são o resultado do pecado, mas também experimen-

tou a atuação de Deus por meio da graça e da cruz, a qual proporciona novas visões da própria pessoa e do que ela poderá tornar-se. Os vislumbres escritos por ele atestam sua sensibilidade espiritual e sua disposição para examinar-se a si mesmo — algo que talvez não sejamos propensos a realizar. Os poemas de Miguel Ângelo falam com uma franqueza e sinceridade que revela mais uma dimensão desse homem multitalentoso. Insinua que seus vislumbres teológico-poéticos são tão importantes como as obras-primas artísticas que ele legou ao mundo. Como muitas de suas obras artísticas, elas concentram nossa atenção em nossa vida e em nossa relação para com Deus — o que um bom teólogo sempre procura ajudar-nos a considerar.

1. Creighton Gilbert, trad., e Robert N. Linscott, ed., *Complete Poems and Selected Letters of Michelangelo* (Nova Iorque: Random House), nº 76, pág. 54. Todas as citações de poemas são desta edição e foram usadas com permissão de Creighton Gilbert.

2. *Idem*, nº 122, pág. 86.

3. *Idem*, nº 30, pág. 19.

4. *Idem*, nº 31, pág. 20.

5. *Idem*, nº 272, pág. 154.

6. *Idem*, nº 286, págs. 160 e 161.

7. *Idem*, nº 294, pág. 165.

8. *Idem*, nº 298, pág. 167.

"O mundo com suas fábulas removeu
O tempo que eu tinha para pensar em Deus;
Não somente deixei de lado Suas misericórdias,
Mas, com elas, mais do que sem elas,
tornei-me depravado.

Insensato e cego, como os outros podem perceber,
Compreendendo tardiamente meu próprio erro,
Com a diminuição da esperança, aumenta o desejo
De que Tu me libertes do amor-próprio.

Reduze pela metade a estrada, ó meu querido Senhor,
Que ascende ao Céu! Tu terás de ajudar-me
Para que eu possa galgar essa metade.

Faze com que eu odeie o valor do mundo
E o que eu admirava e honrava em sua beleza,
De modo que prove a vida eterna antes da morte."⁶

"Se às vezes, por Tua graça, aquele ardente zelo,
O meu querido Senhor, vem atacar-me o coração,
Isso dá a minha alma conforto e segurança.

Visto que minha própria força nada vale para mim,
Seria correto voltar-me então imediatamente para o Céu,
Pois com mais tempo a boa vontade tem menos resistência."⁷